



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

CHRISTINE DE PIZAN: REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA HISTÓRIA DO LIVRO

Maria Anna da Silva Brasil
Orientadora: Profa. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília
2022

Maria Anna da Silva Brasil

CHRISTINE DE PIZAN: REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA HISTÓRIA DO LIVRO

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Greyciane Souza Lins

Brasília

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Christine de Pizan: Representação de gênero na História do Livro

Autor(a): Maria Anna da Silva Brasil

Monografia apresentada remotamente em **12 de maio de 2022** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Greyciane Souza Lins

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Externo : Dra. Dulce Maria Baptista

Em 27/05/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Greyciane Souza Lins, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 30/05/2022, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 30/05/2022, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **DULCE MARIA BAPTISTA, Usuário Externo**, em 30/05/2022, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Anna da Silva Brasil, Usuário Externo**, em 03/06/2022, às 23:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8191458** e o código CRC **2784CDBE**.

Referência: Processo nº 23106.062549/2022-29

SEI nº 8191458

N754i

BRASIL, Maria Anna da Silva.

Christine de Pizan: Representação de gênero na História do Livro / Maria Anna da Silva
Brasil. – Brasília, 2022.

60 f.

Orientação: Greyciane Souza Lins

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de
Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia,
2022.

Inclui bibliografia

História do Livro. 2. Representação de . I. Título.

CDU025.3

Dedico este trabalho a minha avó, *in memoriam*,
por ter me transmitido o sentimento que me permitiu fazê-lo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, sem Ele nada é possível.

Agradeço ao meu filho, Rodrigo Brasil Machado, pelo privilégio e honra de ser sua mãe, por me transmitir a força que me possibilitou chegar com êxito onde estou, jamais teria sem você. Tudo por você.

Agradeço à todas as mulheres, da minha família, inspiradoras, fortes, destemidas, geniais que nunca desistiram de seus sonhos ou aceitaram o fato de sermos julgadas como seres inferiores, pelo orgulho de ser mulher, por me inspirarem e contribuírem, através de suas histórias de vida, com o desenvolvimento deste estudo.

Ao meu pai, *in memoriam*, meu primeiro e mais importante amigo.

À minha orientadora Profa. Dra. Greyciane Souza Lins, outra mulher fabulosa e inspiradora, por todo o empenho e dedicação em me orientar.

Aos meus amigos por todo o apoio.

Àqueles que sempre estão em meu coração.

“Gentis mulheres, burguesas e donzelas, e todas as demais, requerem humildemente nosso socorro. Reclamem as ditas damas, de grandes males, infâmias, difamações, traições e ultrajes muito graves, de falsidades e outros erros, que recebem a cada dia dos desleais que as desonram, difamam e desprezam.”

(Christine de Pisan)

RESUMO

O presente estudo retrata o cenário da evolução do livro conjuntamente com a história da civilização, o presente estudo investiga e reúne, a partir de uma pesquisa descritiva, informações a respeito da vida de Christine de Pizan e suas características na história do livro como registro do conhecimento e suporte da escrita. Identificar três personalidades femininas da Idade Média, buscando discorrer sobre a importância do gênero feminino na História do Livro. O trabalho em questão foi estruturado em quatro partes: em um primeiro momento, disserta-se a respeito da História do Livro. Na segunda etapa apresenta a importância da biografia como gênero narrativo e literário. Em um terceiro momento é analisada a educação das mulheres na Idade Média. Na quarta parte objetiva-se investigar três personalidades femininas, Dhuoda, Hildegarda de Bingen e, essencialmente, quem foi Christine de Pizan, em que contexto elas estavam inseridas e as características em suas trajetórias presentes na História do Livro. Conclui-se que Christine enxergava na escrita a possibilidade de defender a igualdade de gêneros, como também de alterar o lugar, inferior, ocupado pela mulher, transformando-a em protagonista.

Palavras-chave: História do Livro. Biografia. Educação das Mulheres na Idade Média. Christine de Pizan. Dhuoda. Hildegarda de Bingen.

ABSTRACT

The present study portrays the scenario of the evolution of the book together with the history of civilization, the present study investigates and gathers, from a descriptive research, information about the life of Christine de Pizan and its characteristics in the History of the Book as a record of knowledge and support for writing. To identify three female personalities of the Middle Ages, seeking to discuss the importance of the female gender in the History of the Book. The work in question was structured in four parts: at first, it talked about the History of the Book. In the second stage it presents the importance of biography as narrative and literary genre. In a third moment, the education of women in the Middle Ages is analyzed. In the fourth part, the objective is to investigate three female personalities, Dhuoda, Hildegarda de Bingen and, essentially, who Christine de Pizan was, in what context they were inserted and the characteristics in their trajectories present in the History of the Book. It is concluded that Christine saw in writing the possibility of defending gender equality, as well as of changing the inferior place occupied by women, transforming her into the protagonist.

Keywords: History of the Book. Biography. Education of Women in the Middle Ages. Christine de Pizan. Dhuoda. Hildegarda de Bingen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Volumen e Rotulus	19
Figura 2- Principais scriptoria bizantinas.....	21
Figura 3 - Estrutura básica do códex.....	23
Figura 4 - Páginção	24
Figura 5 - Xilografia.	26
Figura 6 - Prensa móvel.	27
Figura 7 – Imprensa.....	28
Figura 8 - Bíblia de 42 linhas.	29
Figura 9 - Manuscritos carolíngios.	29
Figura 10 - Hidelgarda de Bingen.....	42
Figura 11 - Christine de Pizan.	45
Figura 12 -Christine de Pizan e seu filho.	46
Figura 13 - Christine de Pizan presenteia Margaret de Burgundy com seu livro.....	47
Figura 14 - Primeira página de Chemin de longue étude.....	47
Figura 15 - Le Livre Trois Vertus.....	49
Figura 16 - Miniatura de um manuscrito de A Cidade das Damas.....	50
Figura 17 - Christine de Pizan oferecendo a Rainha da França (Isabeau de Bavária) episódios do debate a respeito do Roman de la Rose.....	<u>53</u> 54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	14
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
2.2.1 <i>Objetivo geral</i>	14
2.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	14
2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
4 REVISÃO DE LITERATURA	17
4.1 HISTÓRIA DO LIVRO COMO SUPORTE DA ESCRITA E REGISTRO DO PENSAMENTO	17
4.2 HISTÓRIA DA BIOGRAFIA	31
4.3 A EDUCAÇÃO DAS MULHERES DA IDADE MÉDIA	36
4.3.1 OUTRAS MULHERES DO LIVRO	40
4.3.1.1 <i>Dhuoda (meados do século IX)</i>	40
4.3.1.2 <i>Hidelgarda de Bingen (cerca de 1098-1179)</i>	42
4.4 A TRAJETÓRIA DE CHRISTINE DE PIZAN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O LIVRO NO FINAL DA IDADE MÉDIA	44
4.4.1 <i>Principais obras de Christine de Pizan</i>	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

O saber, o conhecimento, o estudo e a informação estão em constante crescimento e apresentam extrema importância para a evolução da civilização. Posto isso, o livro retrata a evolução do pensamento e manifesta-se como registro do conhecimento e suporte da escrita.

Desde o princípio, a História do Livro estuda as inúmeras categorias de suporte e escrita. Complementando a História do Livro, é impossível comentar sobre esta, sem mencionar a história das pessoas dos livros. Uma faz parte e contribui para a história da outra mutuamente.

Desse modo, a biografia histórica apresenta-se imprescindível para a História evidenciada neste estudo. A biografia de um indivíduo retrata seus interesses e colaborações para a evolução do conhecimento, objetos entre outros elementos, trazendo a vida e o cenário de um determinado período. O indivíduo não existe desacompanhado, ele traz em sua bagagem histórica o contexto social a qual pertence ou pertencia, não obstante, remodela o contexto histórico vivenciado. O homem é personagem principal e autor de sua história, não somente como indivíduo, mas também como membro de uma civilização. A História é relatada por inúmeras narrativas de habitantes pertencentes àquela época e lugar. No que se refere a História do Livro, é de extrema importância analisar a vida dos indivíduos que ali residiram e colaboraram para as transformações que atingiram tal elemento. Fatos favoráveis, bem como desfavoráveis conduziram ao que vivemos atualmente.

Segundo Del Priori (2009, p. 8) antes da palavra biografia ser dicionarizada, eram denominadas memórias as relações escritas e apareciam na forma em que indivíduos narravam fatos que viveram ou testemunharam. A palavra *biografia* foi dicionarizada em 1721, uma classe que tinha por propósito representar a vida dos indivíduos.

Del Priori (2009, p. 7) afirma que a biografia, chamando atenção dos historiadores, é uma das primeiras formas de história, entretanto pouco popular até a metade do século XX, entre a geração adepta a abordagens qualitativas e economicistas. A história biográfica permaneceu não muito popular até meados do século XX. Mesmo sem ter sido completamente desprezada, o gênero era visto como algo retrógrado. Ainda segundo a autora, houve mudanças no gênero biográfico ao passar do tempo. Era retórica e também histórica na Grécia.

No que diz respeito à educação do ser feminino no medievo, existiam razões para maior atenção. Grande parte das mulheres morria no momento do parto, diante disso o número de mulheres era menor em relação aos homens. Tal fato ocasionou contratempo para a Igreja, que

a partir do séc. XI havia instaurado o matrimônio como conduta religiosa, um sacramento. Consequentemente, as mulheres alcançam importância para a sociedade, ainda que inerente à condição de genitoras e esposas. Alguns teóricos defendiam que o ensino das mulheres deveria ser voltado para o conhecimento prático. As camponesas deveriam ser capazes de cuidar do lar, enquanto a burguesa e a nobre deveriam apresentar uma cultura mais sofisticada, que lhes permitisse comandar seus empregados, ler e escrever, conforme suas responsabilidades sociais. Ademais, havia a de que todas soubessem costurar, fiar, tecer e bordar. O ensino de todas as mulheres era voltado, especialmente, para o matrimônio, o cuidado do lar, do marido e dos filhos (LEITE, 2008).

No século XIII, Vincent de Beauvais atribui *um capítulo* de sua obra, de vinte e um capítulos, às mulheres. O autor destacando sua inquietação a respeito da castidade feminina, defende que as mulheres deveriam aprender a ler para obter acesso aos livros e obter conhecimento dos preceitos morais e assim evitar maus pensamentos. Diante o exposto, nota-se que a educação era direcionada para a preparação de uma índole dócil, com função de segurar seu bem mais precioso: a virgindade. Competiria aos pais ensinar o necessário para que as mulheres “cumprissem” com as responsabilidades sexuais corretamente após o casamento.

Nascida Christine da Pizano, italiana radicada na França, vai contra o estereótipo da mulher medieval, literata, com livre acesso às bibliotecas, conhecidos da alta sociedade, possuía certa autonomia e situação social. Segundo Siciliano, Valle e Salomão (2021) após o falecimento de seu marido, Christine não se casa outra vez, decisão que a guiou para consolidar sua carreira como escritora e editora de livros. Sua fama e facilidade em dominar a arte dos textos a colocaram não somente como profissional que sustenta sua família, mas também como a essencial agente de discussão sobre assuntos sociais, principalmente no que diz respeito às mulheres.

Em *A cidade das damas*, uma das mais conhecidas obras de Christine de Pizan, a autora inicia um debate acerca de afirmações realizadas e legitimadas por célebres escritores ocidentais, como Aristóteles (c. 384-c. 322a.C.), Ovídio (c.43-c. 18a.C), Boccaccio (1313-1375 d.C) e Petrarca (1304-1374 d.C), dos quais os escritos, que desfavoreciam a imagem das mulheres na sociedade, na época eram conhecidos e difundidos como fontes de autoridades, em conjunto a uma declaração estruturada conforme os interesses daqueles que ocupavam um lugar dominante nos processos de produção, circulação e apropriação de informação e conhecimento - os homens (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021).

As autoras sublinham que, através da narrativa literária alegórica, no entanto com fundamento demasiado filosófico, a escritora manifesta sua desaprovação e desacordo com as

informações disseminadas, metódica, interpretativa e retórica a partir do mesmo trajeto e propósito empregue pelos homens, contemplados como autoridades da época para erguer fundamentos negativos a respeito da mulher, entretanto com um objetivo que questiona e refuta esses argumentos: a escrita. Sua indagação guia era: por que homens, de diferentes épocas reprovavam e maldiziam tanto as mulheres? “Teriam os filósofos, poetas, clérigos e tantos outros homens de autoridade reconhecida se enganado?” (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021, p. 166). Em suas próprias palavras, “Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade.” (PIZAN, 2012, p. 59) . Posto isso, para contestar as veneradas referências patriarcais, Christine elege 150 personalidades femininas, envolvendo mulheres de sua época, que se destacaram em inúmeros campos do conhecimento, tanto nas artes e ciências, quanto em governos e batalhas, para edificar de modo simbólico sua cidade-fortaleza, que argumenta de forma lógica e memorial à reconstrução da reputação das mulheres (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021).

As autoras observam ainda que, a inquietude de Christine a conduz à uma nova indagação mais à frente da discussão acerca de gênero, contudo onde seguramente está presente: os registros escritos. Se na Idade Média, Pizan indicava a evidente ausência de bibliografia produzida por mulheres como um dos recursos fundamentais na composição moral no que diz respeito ao sexo feminino, o cenário aparentemente persiste (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021). Concepções fundamentais que foram postas em pauta nos debates a respeito do conhecimento e da ciência foram elaboradas a partir de estereótipos de gênero. Apesar das tentativas de apagamento, ainda assim, Christine de Pizan e seu trabalho perduraram até o séc. XXI. Mediante o presente estudo, é possível recuperar sua biografia, trajetória, pensamento e contribuições para a História do Livro.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Observando o estudo da História do Livro e das Bibliotecas, nota-se que a quantidade de referências que apontam personalidades femininas e suas principais contribuições para a história que se observa atualmente é escassa. Existe uma quantidade pertinente de biografias de personalidades que colaboraram para a evolução do livro, no entanto poucas que retratam personalidades femininas e suas respeitáveis contribuições em uma única pesquisa.

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo geral

- Identificar as características da biografia de Christine de Pizan que fazem parte da História do Livro.

2.2.2 Objetivos específicos

- Descrever características sobre a História do Livro;
- Investigar a educação das mulheres da Idade Média;
- Discorrer sobre a trajetória de Christine de Pizan.

2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A análise desenvolvida no presente estudo aborda a História do Livro, expondo pontos significativos, na evolução do suporte que ainda hoje é utilizado. Destacando a importância da biografia, será retratada, essencialmente, Christine de Pizan e sua história de vida, identificando características que fazem parte da História do Livro. O estudo não considera a História das Bibliotecas, detém-se aos elementos relacionados, unicamente, à História do Livro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo histórico de cunho qualitativo, descritivo e biográfico, utiliza como método de coleta de dados a revisão bibliográfica. Retrata as características das trajetórias de três mulheres, Dhuoda, Hildegarda de Bingen e, essencialmente, Christine de Pizan, que fazem parte da História do Livro. Apresentando a partir do referencial teórico, o livro como suporte da escrita e registro do conhecimento e pensamento, com seu desenvolvimento e evolução ao passar dos anos, a biografia, como classe narrativa e literária, conjuntamente a educação das mulheres na Idade Média e as principais características da trajetória de Christine de Pizan na História do Livro no final da Idade Média. Considerando a característica histórica da pesquisa, desse modo, foi realizado um estudo bibliográfico, uma vez que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (...) A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. (GIL, 2008, p. 50)

Diante disso, as etapas metodológicas compreendem: 1- revisão de literatura, com o propósito de delimitar o tema do estudo; 2 – descrição do estudo: características femininas na História do Livro; 3 – apresentação de três personalidades femininas relevantes e suas histórias de vida presentes na História do Livro; 4 – exposição e análise da biografia apresentada, em conformidade com a metodologia aplicada.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 HISTÓRIA DO LIVRO COMO SUPORTE DA ESCRITA E REGISTRO DO PENSAMENTO

De acordo com Howsam (2015), a História do Livro é uma maneira de refletir como o indivíduo tem dado forma física ao conhecimento. Ideias e conhecimentos são intangíveis. Suas formas materiais são o que os tornam concretos, ainda que haja as adversidades do tempo e espaço.

A biografia histórica apresenta-se imprescindível para a História evidenciada neste estudo. A biografia de um indivíduo retrata seus interesses e colaborações para a evolução do conhecimento, objetos e tantas outras coisas, trazendo a vida e o cenário de um determinado período. O indivíduo não existe desacompanhado, ele traz em sua bagagem histórica o contexto social a qual pertence ou pertencia, não obstante, remodela o contexto histórico vivenciado. O homem é personagem principal e autor de sua história, não somente como indivíduo, mas também como membro de uma civilização. A História é relatada por inúmeras narrativas de habitantes pertencentes àquela época e lugar. No que se refere a História do Livro, é de extrema importância analisar a vida dos indivíduos que ali residiram e colaboraram para as transformações que atingiram tal elemento. Fatos favoráveis, bem como desfavoráveis nos conduziram ao que vivemos atualmente. Ao contrário do que muitos acreditam, a História do Livro está longe de ser um conto de fadas. Bastante turbulenta, rodeada de pessoas gananciosas, idealistas, religiosos radicalistas, houve tanto urgências que modificaram a disseminação do conhecimento nas civilizações antigas, quanto repressão de monarcas, reis, igrejas e ditadores, ademais ocorreram diversos confrontos entre os que almejavam o domínio do poder, inúmeras guerras que influenciaram a história aqui exposta.

O período que compreende os anos de 4000 a.C a 476 d.C., a Antiguidade, em que as sociedades grega e romana estiveram em grande evidência, portou em seu decorrer Alexandre, O Grande, no poder, bem como o Império Bizantino e o idioma grego como global, para mais personagens icônicos com grande genialidade que revolucionaram não somente as áreas das

ciências exatas como a matemática, mas também a filosofia, astronomia, medicina, geografia, teatro, história, dentre tantas outras, além do direito romano.

A Antiguidade trouxe-nos também a invenção da escrita. De acordo com Barbier (2008, p. 27), o desenvolvimento da escrita mantém-se estreitamente conectado àquelas civilizações em que não poderiam restringir-se a um simples discurso, as civilizações mais complexas tiveram a necessidade de romper o limite da oralidade.

Junto ao desenvolvimento da escrita manifestou-se a carência de um suporte para registrá-la. Inicialmente, utilizou-se tabuletas de pedra e argila, migrando para o osso, madeira, couro, ostraca, papiro e pergaminho, visto que, com essas modificações, percorrendo todos os suportes citados, o livro foi ganhando um formato gradualmente mais coerente, concreto e prático.

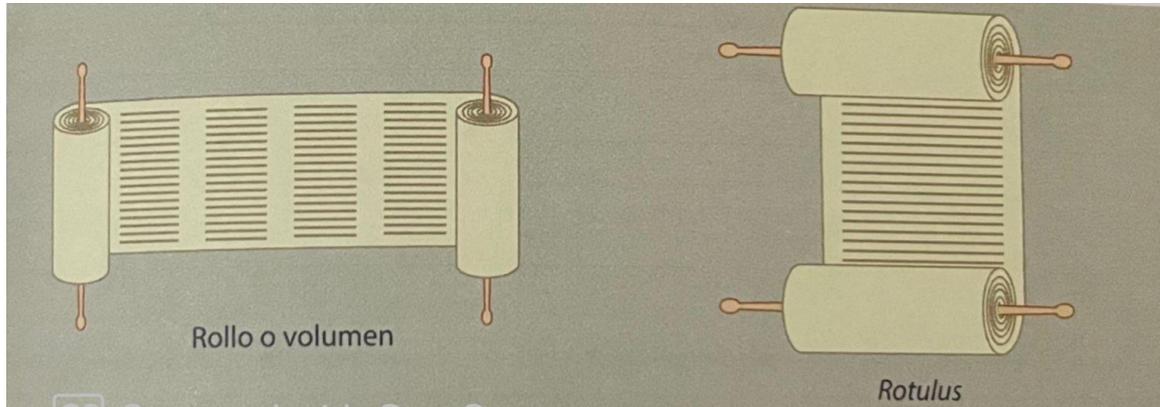
Para Bezerra (2006, p. 385), o que levou o Egito antigo à prosperidade, foi o papiro, que crescia em abundância nas margens do Rio Nilo. Mais atual que o papiro, o pergaminho ganhou sua notoriedade por conta da alta qualidade que era produzido, na cidade de Pérgamo, na Grécia, o que foi determinante para a popularização do produto, bem como escolha do seu nome.

Primeiramente intitulado como *volumen* ou *rotulus*, o livro tratava-se de um rolo contendo uma escrita. Esta era registrada por um copista ou secretária, não pelo autor do conteúdo.

Os livros de formato quadrado quase não estiveram em uso, nem entre os gregos, nem entre os romanos, a não ser muito tempo depois de Catulo (...). A velha maneira de dar aos livros, enrolando-os, a forma de uma pequena coluna se mantém, de modo que no século de Cícero, e muito tempo depois, todas as bibliotecas estão compostas desses rolos... (L. MORERI *apud* BARBIER, 2008, p. 34)

Nota-se que a leitura de um *rotulus* ou *volumen*, conforme ilustrado na figura 1, era realizada de maneira complexa, uma vez que existia a necessidade de desenrolar uma extremidade e enrolar a outra simultaneamente, excluindo a possibilidade da leitura de mais de um rolo ao mesmo tempo.

Figura 1 - Volumen e Rotulus



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Battles (2003, p. 37) sublinha que as bibliotecas emprestavam exemplares para seus usuários, para que as obras fossem copiadas e utilizadas de modo particular.

Barbier (2008) discorre que na Roma Antiga existiam, basicamente, três características fundamentais para o livro: a princípio, a relevância do fato da transferência cultural a partir do Mediterrâneo oriental, principalmente, a Grécia e o mundo helenístico; em seguimento, o papel cultural moderno das bibliotecas privadas, que se transformaram em locais de comunicação, produção, sociabilidade e trabalho; por último, o livro assegurava-se como um item de valor incalculável, sem dúvida um objeto especial e raro. Claramente já era notável a presença da bibliofilia em Roma.

O período entre os séculos V e XV na Europa, nomeado Idade Média iniciou-se com a queda do Império Romano do Ocidente e seu encerramento com a tomada da Constantinopla. Dentre inúmeras características, a Alta Idade Média, foi representada além do feudalismo, pelo teocentrismo, sociedade estamental e agricultura de subsistência. Além do renascimento comercial, crise feudal e as Cruzadas, a Baixa Idade Média foi marcada pela crise geral, incluindo peste, fome e a guerra dos 100 anos.

Battles (2003, p. 74) discorre que "só a estrita necessidade justificava o acesso aos livros e à própria alfabetização". Nota-se que a Idade Média simbolizou a baixa prática da leitura, passando a ser identificada como um período nefasto para os livros, bibliotecas, pesquisas e estudos.

Os cristãos romanos construíram uma identidade cultural que se definia por oposição à literatura e à arte da antiguidade pagã. Com o declínio econômico

e social acentuando-se cada vez mais, secaram as fontes dos recursos necessários para adquirir e preparar o pergaminho e o papiro e para sustentar exércitos de copistas. (BATTLES, 2003, p. 61)

Em sua análise, Battles (2003, p. 62), sublinha que, mesmo com as ordens do clero e a escassez material, em meio aos monges, o âmbito literário foi conservado na Antiguidade. Diante do exposto, mesmo com a falta de material adequado para a produção da escrita, a terra natal do papiro seguia lendo e escrevendo, ainda que a pobreza predominasse em sua comunidade. A circunstância a que era sujeitada a literatura, levou-a a modificações, visto que após a queda do Império Romano, fez-se reduzida a prática da escrita. Tal situação é explicada por não ser uma demanda imperial, inscrições em pedras e discursos transcritos em rolos de papiro ou pergaminho, resumidamente, uma pequena quantidade era escrita de forma permanente. Salvo o que foi escrito em pedaços de pedra ou cerâmica (ostracas), a grande parte dos escritos do período aqui retratado foi gravada em tabuletas que não perduraram por muito tempo, levando em conta o tipo de processamento e produção do material. No entanto, as tabuletas, que possuíam cobertura em cera, foram o suporte predominante da escrita na Mesopotâmia até a Idade Média.

Alguns estudiosos supõem que, possivelmente, os monges copistas idealizaram o livro como o suporte que temos atualmente, por conta da carência da tabuleta. O aperfeiçoamento ou evolução da tabuleta designava-se *códice*. Formando uma espécie de bloco, as tabuletas, em sua maioria, eram ligadas por um cordão. Provavelmente, os escribas egípcios adaptaram ao tipo de bloco, as folhas de papiro, modificando o rolo, que era muito usual na Antiguidade. (BATTLES, 2003, p. 62).

O autor ressalta que, para desenvolver a habilidade de leitura e cópia das Escrituras, os monges escreviam, dedicando-se a um ofício espiritualmente satisfatório. Complementa Paiva (2010, p. 23) "Um livro recopiado pelo escriba ou copista na Idade Média distinguia-se talvez de um semelhante pela característica humana de não copiar maquinalmente". Desprezando o valor mercantil, os monges superestimavam a conservação de seus acervos, relíquias religiosas e obras de referência. No período aqui citado, tudo, em absoluto, pertencia a Igreja, o livro pertencia ao mosteiro e frequentemente apontado como "domínio" de um determinado santo.

Apontada como o mais alto nível hierárquico do conhecimento e das artes, localizada nos mosteiros, compondo o ambiente medieval-religioso, uma sala privativa, chamada de *scriptorium*, era utilizada para produção de textos religiosos da Antiguidade Clássica. Nesses determinados locais os monges produziam as cópias, liam, faziam correções e ilustrações dos textos de veneração, adoração e estudo. Tidos como prenúncio de casas de edição, havia os

scriptoria, ilustrado na figura 2 os principais scriptoria bizantinas, mais diligentes, elaboravam cópias atribuídas a outros mosteiros, ademais forneciam obras para a Igreja e para a alta sociedade da época. Continham o *armarium*, um aposento que se localizava no *scriptorium*, com a função de acondicionar os livros que futuramente seriam copiados pelos copistas, que exerciam tanto o papel de bibliotecários, quanto de chefes de edição (PAIVA, 2010, p. 31).

Figura 2- Principais scriptoria bizantinas.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Segundo Battles (2003, p. 69), o Islã tornou-se como essencial para a cultura livresca ocidental, embora situado no Oriente Médio. Levando o livro para um padrão mais evoluído, ainda na Idade Média, os muçulmanos adquiriram inúmeras técnicas, com diferentes povos. Otimizaram, elaborando capas de couro artesanais, a forma do códice, aprendida com os escribas etíopes e descobriram a confecção do papel com prisioneiros chineses. Oposto ao que gregos e romanos traziam como conceito de livro – somente um conjunto prático do conhecimento, que necessariamente deveria apresentar-se de forma simples e concisa – os ilustradores e calígrafos do Islã tornaram o livro um item elevado, digno de ser intitulado obra de arte, assim, os colecionadores poderiam venerar não somente o conteúdo da obra, mas também sua beleza exterior. A preferência por livros requintados e luxuosos era notável entre os muçulmanos, qualquer comerciante escolheria colocar à venda o livro mais belo. Na Europa cristã medieval, com proporção mercantil consideravelmente menor que no mundo muçulmano, apenas a elite da sociedade possuía acesso e interesse em adquirir e buscar conhecimento a respeito dos livros ilustrados. O autor ressalta:

Ao longo de toda a Idade Média, as conexões entre tradições livrescas do Islão (sic) e da Europa cristã continuaram a existir. Estudiosos europeus frequentavam os grandes mercados de livros em Toledo e Córdoba, e tanto durante quanto após as Cruzadas muitos volumes vinham para a Europa depois de serem tomados como butim. (BATTLES, 2003, p. 72)

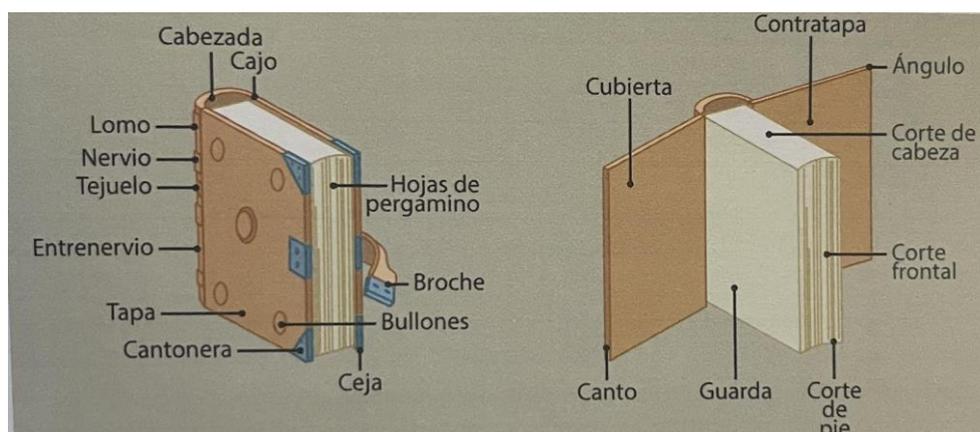
Paiva (2010, p. 32) demonstra que no século XII, houve um engrandecimento das escolas, juntamente com a disseminação de informação nas cidades, logo um novo movimento teve início e impôs-se a produção e disposições editoriais. Como resultado, é possível identificar o avanço do mercado de livros, com acréscimo específico na escala de produção para suportar a demanda e suprir o mercado editorial europeu. No decorrer do século ocorre o episódio conhecido como “Renascimento Urbano”, de acordo com a autora, é “associado ao surgimento no Ocidente medieval das primeiras escolas laicas, ao desenvolvimento das escolas eclesiásticas urbanas e conseqüentemente a evolução da dialética.”. Constitui-se como indispensável a figura característica do pensador medieval que lidera o processo de evolução das escolas eclesiásticas e urbanas para escolas laicas, cooperando com o surgimento das primeiras universidades. A organização do trabalho nasce, classificando e hierarquizando as funções, existem os responsáveis pelo tratamento do pergaminho, os copistas, corretores, ilustradores e os responsáveis pelo acabamento e encadernação.

Complementando, Paiva considera que nas proximidades das cidades universitárias europeias, trabalhando com produção de manuscritos e cópias já utilizadas, havia comerciantes. *Stationnaire* – uma espécie de livreiro – era responsável pela normalização e padronização das cópias validadas, o mesmo emprestava ou vendia a edição para universitários, estudiosos ou copistas. Ademais, o *stationnaire* obtinha um exemplar ou até mesmo a obra original em caderno, sem acabamento (capa e costura) e fornecia aos estudiosos que possuíam maior interesse ou emprestava apenas para consulta. O livro de referência surge, de forma mais simples e menos custosa. O livro religioso perdura durante toda a Idade Média, que se encarrega de ser o ponto alto da produção editorial, com destino aos mosteiros, conventos, igrejas e paróquias.

O códice constitui-se por uma quantidade de placas ligadas por dobradiças, originando uma classe arcaica de livro, conforme ilustrado na figura 3. Mesmo sendo um suporte de fácil manuseio, o objeto não se tornou muito famoso na Roma Imperial, no local o livro continua como *volumen* sobre papiro, no tempo em que o *códex* e o pergaminho são utilizados para estudos e trabalhos mais dinâmicos e de curta duração, como anotações e esboços. O *códex* popularizou-se apenas nos séculos III e IV. O suporte comum passa a ser o pergaminho, uma

vez que a produção de códices em papiro era mais trabalhosa e complicada. Um dos grandes benefícios do pergaminho em relação ao papiro é a facilidade em serem utilizadas as duas laterais, no entanto tornava-se difícil enrolá-lo. Junto com o códice é desenvolvida e produzida a encadernação, os primeiros protótipos e modelos conhecidos são os egípcios (BARBIER, 2008, p. 52-53).

Figura 3 - Estrutura básica do códex.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Paiva (2010, p. 23) discorre a respeito do códice de pergaminho, segundo a autora, os ornamentos das páginas recebem diferentes resultados, em razão de, quanto mais nova a matéria-prima que era produzido – pele/couro animal – mais tênue e suave se tornava o acabamento. A distinção poderia facilmente ser notada através da maleabilidade do material, bem como na opacidade das folhas.

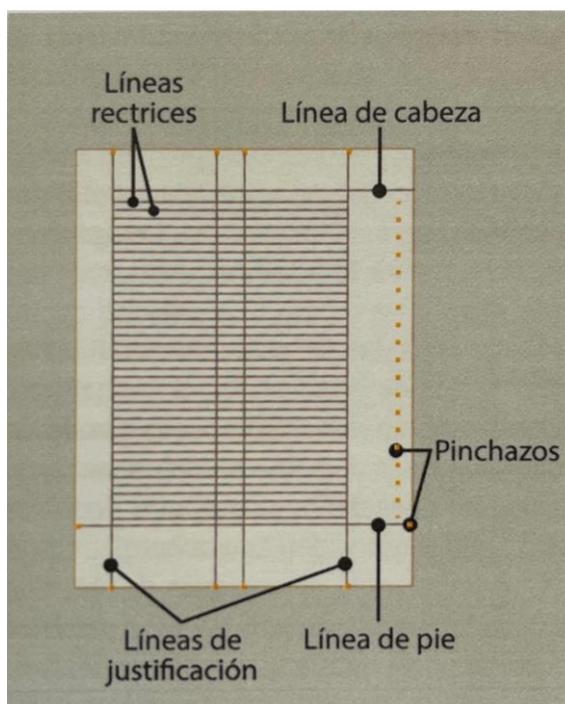
A respeito dos célebres 13 códices, descobertos no século XX, dispomos da descrição seguinte:

Nas cercanias de Nag Hammadi, no Egito, fica o local em que, no quarto século, funcionava o mosteiro de Chernoboskion. Em 1945, treze códices simples, datando da segunda metade do quarto século, foram achados ali, selados num pote de argila. [...] As encadernações também sobreviveram e fornecem a melhor evidência da origem copta dos códices. Os livros consistiam em maços de folhas de papiro dobradas e frouxamente costuradas numa capa de couro. Dotadas de fechos em forma de abas, os códices de Nag Hammadi têm uma aparência elegante, mesmo para os padrões de hoje. (BATTLES, 2003, p. 63)

De acordo com Barbier (2008, p. 54), “a invenção do códex é absolutamente fundamental para o futuro da civilização escrita, porque ela proporciona caminhos para os

desenvolvimentos futuros do trabalho intelectual, no que diz respeito aos documentos escritos.” A proposta do códice conta com uma lombada de identificação onde, mesmo que guardado, auxilia na busca e recuperação da obra. Para mais, discorrendo sobre a organização deste suporte, o autor sublinha que, por ter a capacidade de adicionar um sistema de referências que facilita a consulta (paginação, conforme ilustrada na figura 4), fez-se possível uma nova possibilidade em relação à leitura oral, favorecendo o estudo e trabalho em silêncio.

Figura 4 - Páginação



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Paiva (2010, p. 22) sugere que, por consequência do hábito e tradição intelectual dos mosteiros, o enaltecimento das bibliotecas e referências religiosas, a evolução do códex está estreitamente ligada ao cristianismo.

Datada do século II pelos chineses, a invenção do papel tornou-se publicamente conhecida na Europa apenas no século VIII, após os árabes triunfarem sobre os chineses no Uzbequistão. O que significou uma enorme agitação na história do livro. Os árabes aprenderam com os prisioneiros chineses a tecnologia do livro e passaram então a produzi-lo utilizando linho e cânhamo. (PAIVA, 2010, p. 34)

Ainda de acordo com a autora, os árabes tiveram acesso aos segredos da confecção do item e os transmitiram à África e Espanha. O primeiro moinho papeleiro foi construído em 1085, na Europa. Ao fim da soberania territorial dos mouros, na Catalunha, Espanha, o método

de produção de papel tornou-se muito popular na Europa, logo o papel passa a substituir gradualmente o pergaminho.

Nessa trajetória artesanal, rara, preciosa, o livro comunica a história. Deixa pegadas. Saído do pergaminho – peles de ovinos ou caprinos – curtidas e preparadas – tão utilizado até a difusão da invenção do papel, o livro se adapta. Como registro. Como discurso de época. Veículo de ideias. Material, suporte com possibilidades comerciais bem maiores quando já se escasseava a produção em escala de pergaminho na segunda metade do século XIV. Introduzido na Europa via Ásia Menor, norte de África, Espanha e Itália, o papel torna-se amplamente aceito. (PAIVA, 2010, p. 35)

Fabricados por meio de um extenso processo, intensificou-se a quantidade de manuscritos religiosos e laicos, a partir do século XII. “Afinal, a invenção do papel, desenvolvida ao longo dos tempos históricos, simultaneamente por diferentes povos em diferentes regiões geográficas, respeitava uma sequência padrão para virar folha de livro [...]”. (PAIVA, 2010, p. 35).

A Idade Moderna foi um período que teve início com a conquista da Constantinopla em 1453, pelos turcos otomanos e teve sua queda em 1789, devido à Revolução Francesa. Houveram em seu decorrer fatos como as Grandes Navegações, o Renascimento, a Reforma Protestante juntamente com a Contra-Reforma Católica e o Absolutismo. Época em que ocorreu a mudança do feudalismo para o capitalismo.

Para Barbier (2008, p. 101-109), a modernidade que sucedeu à baixa Idade Média e a constante e progressiva produção de livros e documentos de todas as classes, demonstra certo aumento no conjunto de relações possíveis com a civilização da escrita. Com isso, podemos afirmar que essa junção é constituída por três esferas distintas: primeiramente tem-se a inclinação à expertise; a segunda, propagação, popularização; e por fim, o livro enxergado como objeto de pertencimento social ou até uma declaração de poder. Em decorrência da invenção de Gutenberg, houve a revolução do livro e o Renascimento Escríbal, visto que o século XV trouxe uma enorme produção e divulgação de livros e a mudança da atenção voltada para as curiosidades intelectuais e aspectos artísticos.

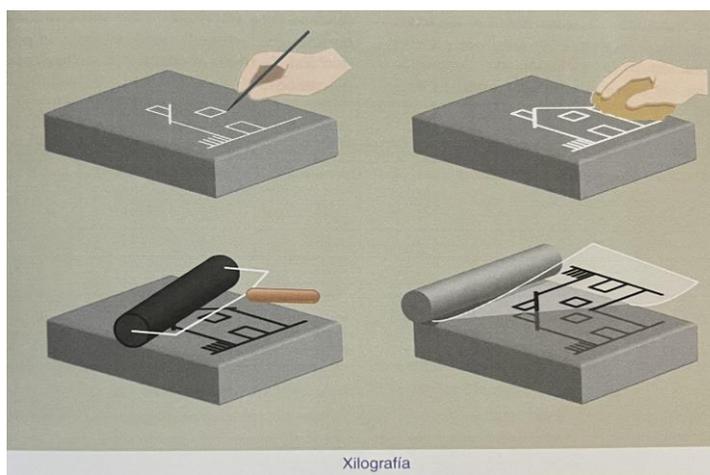
Paiva (2010) ressalta que a começar do século XIV, a cópia manual torna-se incapaz de atender toda a demanda de reprodução de livros. Em consequência, a xilografia – registro de texto e imagens em madeira - passa a ser bastante utilizada:

A partir do aumento da demanda, pranchas de madeira, gravadas, esculpidas em relevo, são utilizadas como recurso de impressão desde os idos de 1400 na Europa para a produção do suporte livro xilogravado. O que facilitava o atendimento às encomendas, uma vez que a técnica permite a reprodução do

manuscrito – página – inteiro e não mais linha por linha. (PAIVA, 2010, p. 41)

No entanto, Paiva (2010) sublinha que houve um enorme desperdício de folhas na produção de cópias utilizando a xilografia, conforme ilustrada na figura 5. Por conta de a tinta ser à base d'água, as folhas tinham seus versos marcados, aplicando o termo *anopistographe*, com significado “não impresso no verso”.

Figura 5 - Xilografia.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

No Oriente era comum a utilização de caracteres fixos, caracteres móveis primitivos e da xilografia. Existem registros da produção de textos, desde o século XIV, empregando caracteres móveis metálicos, na China e na Coreia, apesar disso a xilografia não foi ignorada. Contudo, na Europa encontramos uma grande revolução, desde a época por volta de 1440, na produção de livros. Livros com uma quantidade pequena de folhas – os *in folio* - eram comumente encontrados no século XV, notavelmente, o latim era o idioma predominante, bem como assuntos religiosos.

Estudos e experimentos foram realizados objetivando encontrar um novo método que permitisse a produção de cópias das páginas dos livros de forma mais ágil, eficaz e com baixo valor de confecção. Essas pesquisas destacaram inúmeros nomes em relação à ideia da prensa tipo móvel. (PAIVA, 2010, p. 42)

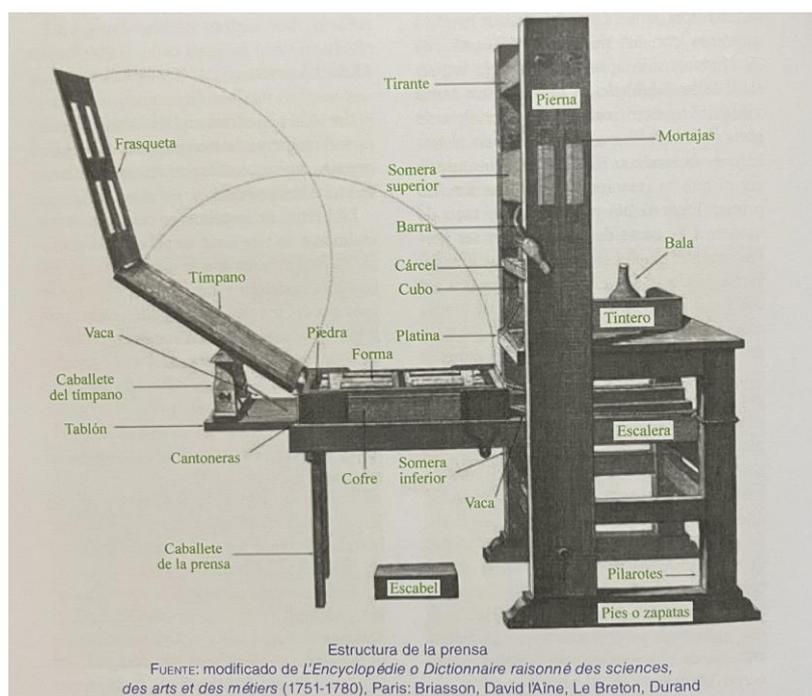
A conhecida tipografia abrange diversas funções essenciais à impressão de textos, tanto concepção dos caracteres, quanto composição, como impressão, designando, no desenvolvimento, um item gráfico legível e dinâmico. À vista disso, a edição manifesta-se

diversificada, constituída por um conjunto de classes metálicas adjuntas pelo compositor em ordem livre:

Matriz, molde, tipos móveis metálicos, relevo, entintamento, rolamento, pressão: e eis a impressão! A ideia revolucionária era ter as combinações à mão e poder desmembrar o bloco da página para reutilizá-lo se necessário em outras partes – como no caso das letras –, corrigindo com menor perda as falhas detectadas. (PAIVA, 2010, p.43)

De acordo com a autora, a técnica revelou “duas perspectivas essenciais para o futuro da produção editorial: o olhar prévio e compositivo do editor-tipográfico para a feição da obra em processo de criação-impressão; e a tiragem, nunca antes tão facilitada na história do livro.”. De acordo com Barbier (2008, p. 124), apesar dos diversos progressos obtidos, a técnica desenvolvida por Gutenberg permanece, em resumo, idêntica até o início da Revolução Industrial, conforme ilustrada na figura 6.

Figura 6 - Prensa móvel.

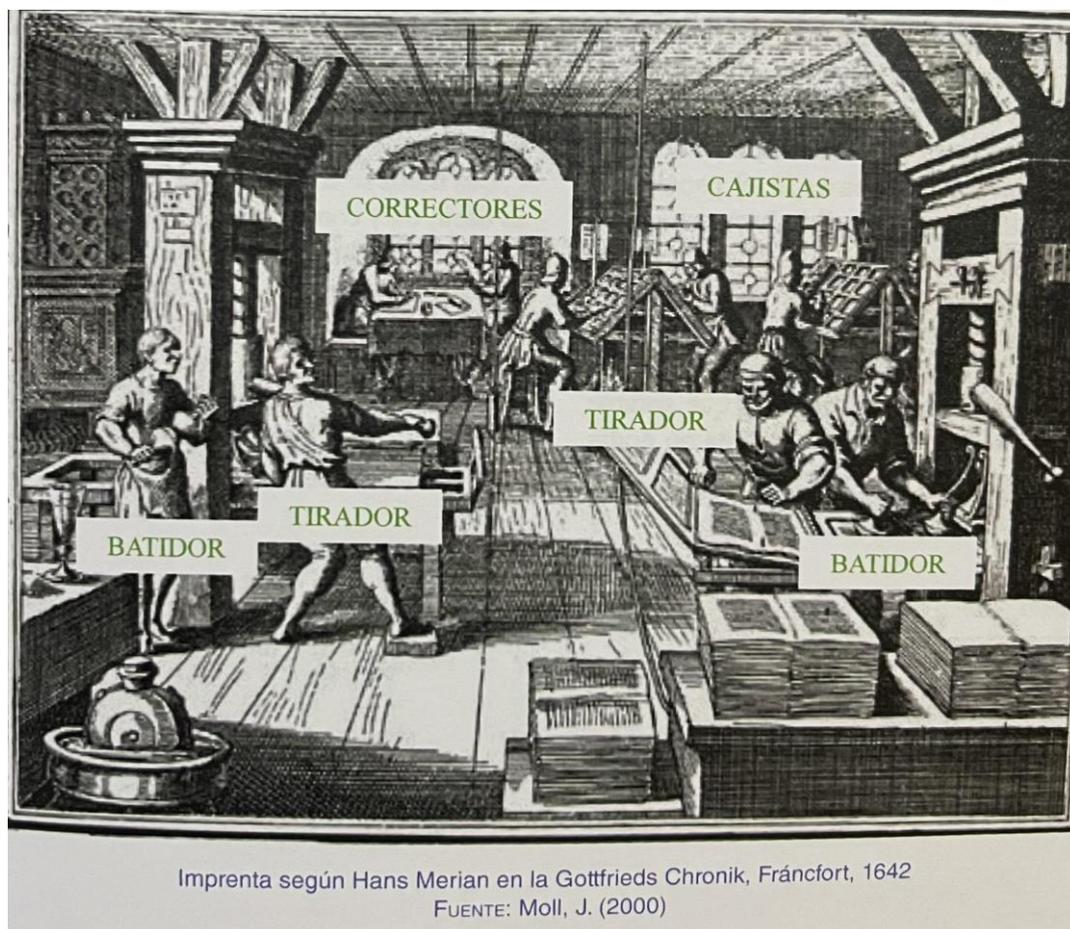


Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Barbier (2008, p. 130) discorre a respeito da estruturação do livro, onde estabelecia a necessidade de no mínimo três operários: o compositor e dois impressores, conforme ilustrado na figura 7. De outro modo, lamentáveis condições de trabalho de impressão – que havia se tornado um negócio altamente lucrativo – que impunham jornadas de trabalho que poderiam

prolongar-se por doze ou mais horas e junto a salários irrisórios, deram início a uma sequência de greves nos anos de 1500, na França.

Figura 7 – Imprenta.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Segundo Barbier (2008, p. 144), a descrição autor, título, impressor e eventualmente local e data de impressão surgem habitualmente ao final do volume, no posfácio, que aparece frequentemente junto com a marca tipográfica da oficina, o que representa um símbolo comercial. Ao passar do tempo, a marca tipográfica deixa o posfácio e surge na página de título. Ocasionalmente o volume obtinha duas marcas: a do livreiro editor no título e do impressor no posfácio. Em 1461 surge a ilustração impressa, na ocasião em que Albrecht Pfister, secretário do bispo Bamberg, introduz xilografias nas formas tipográficas da edição em um de seus livros.

De acordo com o autor, a religião é a classe mais procurada, quando se trata de livros no período aqui retratado. Como resultado da alta procura e compra, temos os primeiros incunábulos *best-sellers* de caráter religioso. Diante do exposto, Gutenberg utiliza a reprodução

da Bíblia de 42 linhas, ilustrada na figura 8, juntamente a seus associados, para demonstrar a capacidade de sua técnica.

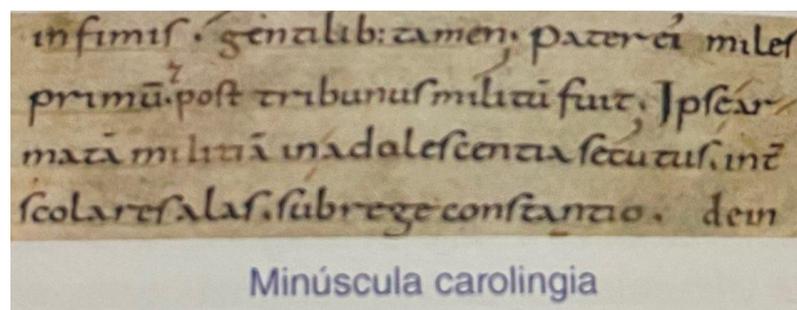
Figura 8 - Bíblia de 42 linhas.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Para Barbier (2008, p. 151), a Renascença trouxe uma grande evolução para o livro. Inspirados nos textos da Antiguidade e manuscritos carolíngios, ilustrados na figura 9, os humanistas italianos produzem as letras minúsculas e maiúsculas da *antiqua*, sua escrita própria.

Figura 9 - Manuscritos carolíngios.



Fonte: Atlas Histórico del Libro y las Bibliotecas, 2016.

Da mesma forma, aparece o itálico, que reestrutura a cursiva delicadamente inclinada, utilizada pelos humanistas da Itália. Ademais a modificação ocorre do mesmo modo na ilustração e decoração, bem como na arquitetura do livro impresso. Trazendo um formato com poucas abreviações, o exemplar humanista atualizado tem impressões com linhas alongadas, no lugar de duas colunas por página, e a inserção do sumário.

As variações e experimentações do livro vibram com tantas possibilidades e chances de abordagem. As novas letras da Renascença são espaçosas e legíveis como os ambientes da nova arquitetura, coincidem com a introdução de uma nova perspectiva de desenho, estudos da luz e da sombra na pintura. (PAIVA, 2010, p. 49)

Reorganizando o campo literário, combinação autor, texto, leitor, o livro impresso torna-se um item definitivo e com produção em série. As modificações se fazem presentes, da mesma forma, na possibilidade de encontrar livros com valor baixo. A inovação do livro impresso o torna popular e transforma as condições de leitura. (BARBIER, 2008, p. 157)

Com o humanismo, de acordo com Barbier (2008, p. 175), surge a carência de tomar a frente a evolução da produção em massa de impressões, onde Conrad Gesner propõe instrumentos de trabalho eficazes como bibliografias e enciclopédias.

Se o aumento dos documentos supõe com efeito o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho estes, em um segundo tempo, autorizam novas práticas de leitura (a leitura extensiva e a consulta ao invés da leitura intensiva e do comentário) e exercem uma ação sobre o conteúdo dos saberes e sobre a sua organização epistemológica. (BARBIER, 2008, p. 175)

4.2 HISTÓRIA DA BIOGRAFIA

A palavra biografia corresponde ao grego bizantino como *biographia*, formada pelo prefixo *bios*, que se refere à vida, e *graphien*, que indica a escrita, postulando o retrato de uma experiência de vida como relato.

Segundo Del Priori (2009, p. 8) antes de ser dicionarizada, eram denominadas memórias as relações escritas e apareciam na forma em que indivíduos narravam fatos que viveram ou testemunharam. A palavra *biografia*, foi dicionarizada em 1721, uma classe que tinha por propósito representar a vida dos indivíduos.

Del Priori (2009, p. 7) afirma que a biografia, chamando atenção dos historiadores, é uma das primeiras formas de história, entretanto pouco popular, até a metade do século XX, entre a geração adepta a abordagens qualitativas e economicistas. A história biográfica ficou em segundo plano até meados do século XX. Mesmo sem ter sido desconsiderada e completamente menosprezada, o gênero era visto como algo retrógrado.

Ainda segundo a autora, houve mudanças no gênero biográfico ao passar do tempo. Era retórica, contudo também histórica na Grécia. O modelo grego inspirou os historiadores romanos. Logo após, ilustrando o quase perfeito modelo humano, manifestou-se a hagiografia. Essas histórias originavam-se para estimular modelos aos leitores, assim dizendo:

As encarnações do sagrado se tornaram modelares no percurso realizado por mártires, doutores e confessores. A partir dos séculos XII e XIII, os santos deixaram o mundo fechado dos mosteiros. A santidade passou a ser imitada no cotidiano e a narrativa sobre a vida de cavaleiros invadiu a Idade Média. Era o início de um período de heróis. Heróis, ao mesmo tempo, objetos de transferência do sagrado, atores de intrigas e portadores de valores positivos. (DEL PRIORI, 2009, p. 7)

Um novo costume de viver e idealizar o destino do indivíduo no mundo, irrompeu junto com o Renascimento. O núcleo de gravidade do mundo social foi modificado, a partir do momento em que o homem mudou seu pensamento e sua fala para “eu”. As leis determinadas pelo Estado, pela família e pela Igreja deixaram de ser o centro, abrindo espaço para a adoração de si mesmo. Nos séculos que se seguiram, a afirmação do individualismo perdurou e a escrita a respeito da vida tornou-se um costume duradouro. Os intitulados “memorialistas” do Antigo Regime, estruturaram a memória do mundo e de si. No século XVII, o aspecto do herói

medieval foi recolocado, passando a ser a imagem de grandes homens, estes tinham que ser proveitosos à sociedade, diferentemente do personagem heroico. (DEL PRIORI, 2009, p. 8)

Del Priori prossegue “no século XIX, as biografias exerceram um importante papel na construção da ideia de “nação”, eternizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares etc.”. Essa ideia foi idealizada pela corrente positivista. Na mesma época, lentamente, literatura e história foram se separando. A história foi apropriada pela comunidade acadêmica e transformada em disciplina. Complementa Schmidt (2014, p. 192), observando que, no mesmo século, com referência no modelo das ciências físicas e naturais, a história buscou atestar sua cientificidade, para tanto, estabeleceu a dimensão literária do discurso histórico. O autor sublinha que, deixando aos literatos recriarem fatos conforme sua imaginação ou subjetividade, era primordial o historiador relatar e/ou elucidar o passado de modo racional e objetivo.

Del Priori (2009, p. 8) descreve que ocorreu o enfraquecimento da narrativa no início do século XX, o referido gênero foi posto no mesmo lugar da história factual. Surgiu então a Nova História ou *New Journalism*, nascida dos *Annales* –escola notável de historiografia- optou por dar prioridade ao “fato social total” em todo o seu ponto de vista social, espiritual, cultural e econômico. Diminuindo a história militar, política, eclesiástica ou diplomática, que ressaltava o fato e o indivíduo, nos anos 60. Ponderando a volta da biografia, Schmidt (1997, p. 5) assegura que esse retorno é um movimento internacional claro em inúmeras correntes recentes, e mesmo apesar das diferenças entre as tradições historiográficas, nota-se o ímpeto pela busca de trajetórias originais.

A Escola dos *Annales*, fazendo com que os historiadores escrevessem para especialistas como eles, remodelou o método de escrita. Quando dizia respeito a biografia, mesmo sendo uma narrativa, era excluída deste novo modelo considerado uma ciência, não havia espaço para a arte. Os escritores mantiveram-se como os notáveis biógrafos da época, após os historiadores recusarem os fragmentos cronológicos vivenciados por eles e os heróis individuais. Veementemente fiel aos fatos, em geral as biografias eram acríticas e se adequavam aos leitores que tinham preferência por fatos históricos, enigmas insolúveis e episódios impressionantes. Apesar de haver muito consumo do gênero nos continentes europeu e anglo-saxão, apenas nas décadas de 70 e 80 do século XX que a repulsa pela biografia histórica chegou ao fim. Ocorreu uma restrição das observações deterministas e marxistas, que reprimiram por longo período a produção historiográfica, a partir do momento em que o homem encontrou a história. Centralizando seus estudos nos indivíduos e suas paixões, condutas, interpretações e

constrangimentos, a apresentação histórica deixava de se dedicar às estruturas. O homem e suas condutas estabeleciam relações com o ambiente social e/ou psicológico. Este novo ponto de vista, se contrapunha, aos já referidos, grandes homens do século XIX. (DEL PRIORI, 2009, p. 8).

A autora supracitada discorre também que, existiu uma enorme discussão entre sociólogos e historiadores a respeito do tema aqui abordado. A partir disso, historiadores mudaram seu ponto de vista e começaram a enxergar a biografia com uma nova óptica. O retorno do gênero não tinha relação com a volta da história literária e heroica dos grandes homens. Foi o fim da biografia positivista. Tratando sobre o período retratado, por meio da vida de um ou mais indivíduos, a biografia histórica não tinha limitação de escrever somente sobre um determinado indivíduo. Percorrendo uma nova estrada, a biografia rompeu a incorreta objeção entre indivíduo e sociedade, uma vez que a existência do homem depende diretamente de fatos e forças sociais, bem como o contrário, as concepções e representações do indivíduo remetem ao contexto social ao qual ele está inserido. Portanto, era desenvolvida a perspectiva histórica com ênfase em um indivíduo que não era, obrigatoriamente, conhecido, tampouco ilustre. O homem está instalado em inúmeras redes que se conectam: o pensamento da época em que vive, o espaço regional, o universo espiritual, a família e a casa. Após essa certificação, surgiu a Micro-História, que foi responsável pela veracidade do “fatiamento da história”, inserido na Nova História. Apesar de preocupada com a problematização mais visível do objetivo investigado, sobretudo em relação às hierarquias e conflitos sociais, retiradas da nova prática historiográfica, foram elaboradas importantes biografias. Desta forma, a Micro-História atenta-se aos anônimos da história.

Trata-se de um gênero narrativo e expositivo que retrata a trajetória de vida, de uma ou mais personalidades. Englobando informações essenciais como nome, datas e locais dos fatos mais significativos. Uma classe literária que narra, comumente na terceira pessoa, descrevendo detalhadamente acontecimentos, podendo incluir, ou não, testemunhas e fotos. Existem as autobiografias, nas quais o próprio biógrafo é o personagem principal, entretanto, as biografias de figuras públicas são, geralmente, as mais populares.

Como refere-se a um gênero literário, a biografia, obrigatoriamente deve seguir uma estrutura básica, como qualquer outro. Logo no início tem-se a introdução, apresentação inicial do biografado, o desenvolvimento, exposição dos principais fatos acerca da história abordada, por fim a conclusão, que configura a parte final. Admite-se que contenha a visão do narrador, tornando a biografia mais subjetiva.

A biografia histórica é a mais considerável para a análise aqui exposta, segundo Schmidt a maior parte dos estudiosos da área defendem a mesma opinião. Além de haver a obrigatoriedade de citação das fontes, o autor tem comprometimento com os fatos documentados, sendo assim, a biografia histórica tem uma possibilidade fictícia ou imaginária quase nula. Schmidt argumenta que, se tratando da biografia, o historiador tem a necessidade de entender que é perpetuamente uma produção crível, dentre inúmeras, em relação ao personagem e de modo algum o retrato efetivo. O autor complementa: “Neste sentido, precisa renunciar à busca de uma essência social ou psicológica que explique a trajetória examinada, para levar em conta as mudanças de rota, os percalços, os acasos, os possíveis de cada existência.”. (SCHMIDT, 2014, p. 196-199)

De acordo com Mendes (1992, p. 358), “Ao aceitar-se a biografia como gênero histórico, admite-se, igualmente, um alargamento da sua função.”. No entanto, na visão de Del Priori (2009, p. 11-12), devido ao gênero, o historiador foi transformado em um escritor de leitores que anseiam uma narrativa de fatos consolidados, e uma trama composta por acontecimentos verídicos e representados. Assim sendo a biografia não tem semelhanças com o romance, com referência a estrutura literária, devido a uma particularidade indispensável: os fatos descritos são oriundos de documentos e acontecimentos reais e não criação do historiador. Isto significa que o autor reconstrói fatos antigos, essa reconstituição faz com que o gênero se torne um tanto quanto desconfiável, uma vez que existe um entrelaçamento com a imaginação literária. Esta não deve ser desprezada, dado que não levando em consideração a estrutura narrativa, as obras perdem a plausibilidade e pertinência. Desta forma, o gênero aqui citado trata-se de uma história confiável, acontecimentos e fatos históricos explanados e documentos investigados.

Schmidt (1997, p. 4) trazendo a importância da biografia para os dias atuais, considera que: “No que se refere ao contexto, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea tem como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. ”

Os modelos biográficos são representados pela seguinte tipologia:

- a) Prosopografia e biografia modal: Nesta óptica, as biografias individuais só têm interesse enquanto ilustram comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes. A biografia perde, assim, algo da sua especificidade, uma vez que os dados que fornece são utilizados para fins prosopográficos;

- b) Biografia e contexto. Neste caso, a biografia conserva a sua peculiaridade. Contudo, a época, o meio e o ambiente são fortemente valorizados, como factores suficientes para caracterizar uma atmosfera que explicaria os destinos na sua singularidade;
- c) A biografia e os casos-limite. Por vezes, as biografias são directamente utilizadas para esclarecer o contexto. «Neste caso», salienta o autor citado, o contexto não é compreendido na sua integridade e na sua exaustividade estatística, mas através das suas margens;
- d) Biografia e hermenêutica. A antropologia interpretativa tem sublinhado o acto dialógico. Consequentemente, o conhecimento não é o resultado de uma simples descrição objectiva, mas sim de um processo de comunicação entre duas pessoas ou duas culturas. (LEVI 1989, apud MENDES, 1992, p. 359)

Mendes (1992, p. 359) mostra que existem diversas formas possíveis para elaboração de uma biografia e a separa em dois tipos fundamentais: a biografia que faz parte de um amplo contexto histórico, a qual trata o homem simplesmente como uma análise do cenário da época retratada; e a biografia linear, do nascimento à morte, com o mínimo de referências ao contexto histórico.

Schmidt (2014, p. 197) argumenta que uma das principais dificuldades dos biógrafos contemporâneos é capturar os personagens com uma perspectiva a partir de vários pontos de vista, desenvolvendo-os de uma maneira clara e permanente, lembrando de respeitar suas inseguranças, mutações, indecisões etc. Isto é, há a negação da linearidade cronológica, tornando obrigatório que os historiadores trabalhem com temporalidades diversas, como tempo interior, tempo de memória, tempo familiar, entre outros.

Confrontando o coletivismo medieval, havia o “pensamento burguês erigindo o homem como centro de todas as indagações filosóficas, inspiração para as artes, base da democracia, o possuidor de direitos universais. ” (SCHMIDT, 2014, p.196) constitui-se na modernidade a concepção de indivíduo único, racional e independente.

Trazendo o papel do historiador na biografia, Del Priori (2009) ressalta:

Textos que reencontrem o tempo perdido, que chamem à cena os fantasmas da história, que tenham capacidade de conversar com os mortos. Que permitam a magia de entrar na vida de outrem e que façam dos historiadores, caçadores de almas capazes de encantar os leitores graças às biografias históricas (DEL PRIORI, 2009, p. 14).

4.3 A EDUCAÇÃO DAS MULHERES DA IDADE MÉDIA

Para melhor compreender o cenário histórico-social em que as mulheres estavam inseridas no período em que Pizan produziu suas obras, optou-se por apresentar o contexto histórico da educação a partir do séc. XII, época que precedeu as obras da autora e do qual elas são um reflexo.

No século XII, alguns intelectuais passam a observar a educação, considerando a conduta das mulheres e crianças como *instáveis*, o que torna seu comportamento passível de imposições limitantes (KETZER; SCHEFFER, 2021).

Segundo Cardoso (2017, p. 134), ainda no século XIII, Tomás de Aquino, (1255-1274) santo e doutor da igreja manifesta seu conceito a respeito das mulheres como uma "deficiência da natureza", apoiando a perspectiva teológica de que a mulher foi criada a partir do homem, conseqüentemente "por natureza própria, de menor valor e dignidade que o homem". Investigando sua *Suma Teología*, obtém-se as alegações; "[...] por natureza, a mulher é inferior ao homem em dignidade e em poder". O autor menciona Aristóteles e Santo Agostinho para assegurar sua argumentação. Aquino declara que não havia necessidade de a mulher ser idealizada em conjunto com as primeiras criações, antes do pecado. Afirma que Deus não deveria ter criado a mulher (CARDOSO, 2017, p. 135).

Nesta circunstância encontrava-se Christine de Pizan, em uma sociedade em que os Doutores da Igreja opinavam a respeito do que seria melhor e mais eficaz para a humanidade, diziam eles que seria mais adequado caso "Deus tivesse criado o homem como algumas plantas que possuíam em seus corpos a potência ativa e passiva simultaneamente e assim reproduzem-se por si mesmo" (CARDOSO, 2017, p. 135). Assim sendo, é fundamental perceber o contexto em que estava inserida sua escrita.

A partir do Concílio de Latrão, 1179, institui-se que as igrejas teriam que afirmar uma escola que lecionasse geometria, aritmética, gramática, música e teologia. Alguns senhores feudais, fundavam escolas. Além disso, a comunidade, em associação, poderia construir escolas e efetuar o pagamento de um mestre para ensinar seus filhos.

Aproximadamente aos sete ou oito anos as crianças começavam a frequentar a escola, os estudos seguiam, por volta, de 10 anos, até ingressarem na universidade. Período em que o livro era raro e caro, o que representava o predomínio da educação oral. O professor lia e comentava trabalhos de autores clássicos, dando início a debates e diálogos. A metodologia do

comentário, deu destaque ao desenvolvimento da memorização e da discussão em todas as áreas e níveis de ensino (LEITE, 2008).

Sob guarda da mãe ou babá, as crianças, meninos e meninas, podiam brincar juntas, até os 7 anos. Posteriormente, a educação passava a diferir, salientando a desigualdade nos processos de socialização entre gêneros. Aos cinco anos, crianças nobres já sabiam montar, praticavam jogos orientados para preparação de cavaleiros, ou a contar com ensino específico, numa escola ou em casa com um mentor, para a preparação do posterior clero; uma vez que eram os ofícios designados aos nobres. A esse mentor era atribuída a função de socializar o jovem nobre, ensinando-o a comunicar-se de modo correto, as boas maneiras, a ser um bom anfitrião e a apreender bons livros. Leite (2008) sublinha que se tratava de um ensino utilitário, tendo em vista seu uso específico na vida do jovem nobre.

A maior parte das crianças camponesas não frequentavam a escola, pertencia aos pais a tarefa de ensinar seu ofício, enquanto as mães os ensinavam os conhecimentos da fé cristã: “A mãe era responsável pela formação moral e social. Os contos épicos e histórias diversas conduziam o jovem à resignação, à honra e à coragem” (LEITE, 2008, p. 174). Os conventos eram outros locais de possível aprendizado. Havia conventos distintos para meninos e meninas, entretanto alguns eram destinados aos dois gêneros, conventos mistos, nos quais todos obtinham uma educação comum nos primeiros anos de ensino.

No que diz respeito à educação das meninas existiam razões para maior atenção. Grande parte das mulheres morria no momento do parto, diante disso o número de mulheres era menor em relação aos homens. Tal fato ocasionou contratempo para a Igreja, que a partir do séc. XI havia instaurado o matrimônio como conduta religiosa, um sacramento. Consequentemente, as mulheres adquirem importância para a sociedade, ainda que inerente ao cargo de genitoras e esposas. Alguns teóricos defendiam que o ensino das mulheres deveria ser voltado para o conhecimento prático. As camponesas deveriam ser capazes de cuidar do lar, enquanto a burguesa e a nobre deveriam apresentar uma cultura mais sofisticada, que lhes permitisse comandar seus empregados, ler e escrever, conforme suas responsabilidades sociais. Ademais, havia a de que todas soubessem costurar, fiar, tecer e bordar. O ensino de todas as mulheres era voltado, especialmente, para o matrimônio, o cuidado do lar, do marido e dos filhos (LEITE, 2008).

De acordo com Leite (2008), no século XIII, Vincent de Beauvais atribui *um capítulo* de sua obra, de vinte e um capítulos, às mulheres. O autor destacando sua inquietação a respeito da castidade feminina, defende que as mulheres deveriam aprender a ler para obter acesso aos livros e conhecimento dos preceitos morais e assim evitar maus pensamentos. Diante o exposto,

nota-se que a educação era direcionada para a preparação de uma índole dócil, com função de segurar seu bem mais precioso: a virgindade. Competiria aos pais ensinar o necessário para que as mulheres “cumprissem” com as responsabilidades sexuais corretamente após o casamento. Leite (2008) discorre que:

Quanto à vida de casada, indica que a mulher devia suportar os defeitos do marido, evitar o ciúme, não usar ornamentos, pintura, etc. Pode-se perceber que a formação feminina não objetivava a exaltação do espírito intelectual da mulher, e sim sua adequação aos moldes estipulados pelos homens (LEITE, 2008, p. 177).

Nessa circunstância, Christine de Pizan torna-se uma questionadora do lugar social designado às mulheres. Uma das mais conhecidas obras da autora, *La cité de dames*, escrita em 1405, com tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado, 2006, com título *A Cidade das Damas*. Christine idealiza uma cidade de mulheres ilustres, onde discorre a respeito de histórias da vida feminina que, através de seu desenvolvimento intelectual, conquistam seu lugar na esfera pública. A autora procura evidenciar a competência intelectual das mulheres, considerando ainda o cenário em que estavam inseridas, o que as distanciava do conhecimento. Declara francamente a ideia de que a questão que diz respeito à vida social deveria ser discutida em conjunto com as mulheres.

Na obra supracitada, a autora utiliza alegorias para evidenciar o método narrativo da batalha das mulheres medievais contra os ataques misóginos que sofriam. *Razão, Retidão e Justiça* são retratadas como *Damas* alegóricas de maneira a desmanchar o discurso misóginos. As *Damas* tomam posição a favor das mulheres concedendo fala ao feminino. Desse modo tornam possível a compreensão das mulheres enquanto representantes de seu próprio futuro. A verdade tratava-se de uma condição masculina, viável apenas aos homens, dado que era acessada apenas pelo privilégio da escrita, assim sendo potencializava a misoginia e ditava às mulheres os preceitos sociais da *fragilidade* de sua condição (SILVA, 2016).

A narrativa do diálogo entre as três *Damas* e a personagem-narradora dá-se simultaneamente à construção da Cidade, que representa um local de acolhimento e proteção a elas. Pizan argumenta a favor do direito à educação, ao aprendizado, à vida social. “Em suma, o direito de ser mulher; favorecendo-as no que diz respeito à formação humanística e à participação ativa na sociedade” (SILVA, 2016, p. 36).

Leite (2018) destaca que, como perspectivas centrais do livro III de *A Cidade das Damas*: 1) a desigualdade entre os gêneros feminino e masculino é de causa social, uma vez que as mulheres não possuem acesso à educação; 2) é necessário modificar o pensamento de

que somente os homens são detentores da palavra; 3) evidenciam-se a dignidade e benefício das mulheres para a sociedade.

De acordo com Calado (2006), para Pizan, a educação excede o conhecimento adquirido voltado para a própria formação e ao aperfeiçoamento e se incorpora ao social, apresentando uma função de *condutora e intermediária do saber*. Em *A Cidade das Damas*, a ideia principal consiste na “busca das relações de gênero ao longo dos tempos, por meio do resgate da memória feminina, esquecida pela história” (CALADO, 2006, p. 83), redefinindo crenças de uma imagem corrompida do feminino, tal como, a crença da origem e do pecado original (CALADO, 2006).

Ainda na obra *A Cidade das Damas*, Christine impulsiona seu público a “resolver suas questões, baseando-se não apenas pelas leituras dos livros, mas também pela leitura de mundo, ou seja, por sua própria experiência, seu saber empírico, obtendo seus próprios julgamentos” (CALADO, 2006, p. 89). Ademais, a autora ressalta que Pizan, através da alegoria elaborada na obra *Cidade das Damas*, indica a não aceitar um saber absoluto por parte das autoridades, visto que as falhas e os erros fazem parte do ser humano.

Percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. E presta atenção ainda que Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerando o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos-lo as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral (PIZAN *apud* CALADO, 2006, p. 92).

4.3.1 OUTRAS MULHERES DO LIVRO

Para contextualizar melhor, neste capítulo serão apresentadas duas personalidades femininas que viveram na Idade Média e suas principais contribuições para a História do Livro.

4.3.1.1 Dhuoda (meados do século IX)

De acordo com Le Goff (2013) a aristocrata Dhuoda era completamente ignorada no fim da Idade Média. Nenhum historiador sequer citou a nobre carolíngia. Foi necessário que Mabillon publicasse, de modo parcial, sua obra, e que logo após um manuscrito da Biblioteca de Nimes fosse encontrado (1887), para que ela fosse reconhecida. Alguns estudiosos da Alemanha analisaram os poemas compreendidos nesse *Manual*. Em resumo, na Biblioteca de Barcelona, um manuscrito do século XV, encontramos o texto completo da obra.

A análise do *Manual* foi realizada como tese adjacente em 1962 e mostrou-se como *Manual para meu filho* (texto e tradução), na coleção “Fontes cristãs”. O referido *Manual* alcançou amplo sucesso: foi traduzido em diversos países como Estados Unidos, Itália, Catalunha, Espanha, Inglaterra e Japão em 2010.

Afinal, quem era Dhuoda? Ela mesma relata em sua obra que escreveu para seu filho Guilherme, na época com dezesseis anos e acaba de ingressar na corte de Carlos, o Calvo. Dhuoda conta, no prefácio que em junho de 824, casou-se com o duque Bernardo, em Aquisgrana, com o comparecimento do imperador, e Judith, a imperatriz. Ela apoia seu marido em sua missão na Marcha de Espanha, na época chamada Septimanie. Seu filho Guilherme, em homenagem a seu avô, primo de Carlos Magno, nasce em 29 de novembro de 826. Em 22 de março de 841, Dhuoda relata dar à luz um segundo filho. No entanto, informa também não saber o nome da criança, uma vez que, antes mesmo de ser batizado, Bernardo o remete para o bispo Éléphantus para que este seja responsável diretamente pela sua educação. Em seu *Manual*, Dhuoda solicita que Guilherme leia o referido livro para seu irmão mais novo, quando ele alcançar idade apropriada.

Dhuoda decerto, após ter ficado só, percebendo as desavenças entre os sucessores do imperador Luís, o Piedoso, entretanto faz apenas algumas alusões a tais discórdias “no reino e na pátria”. Ela inicia seu *Manual* em 3 de novembro de 841 e informa que finalizou em 2 de fevereiro de 843.

A respeito da família de Dhuoda, segundo Le Goff (2013), existem apenas pressuposições. Seu nome é de origem germânica, identificado nas regiões setentrionais do Império. Dois nomes aparecem em seu livro quando a mesma pede que seu filho reze pelos mortos, além dos nomes da família de Bernardo, que aparenta ser os nomes de seus pais. A data de sua morte também é desprezada. Le Goff diz que ela tem o objetivo de produzir outro livro para seu filho mais novo, todavia está muito doente e anseia finalizar aquele que já começara, antes de sua morte. Dhuoda escreve seu próprio epitáfio.

O *Manual* pertence a um gênero literário muito famoso na era carolíngia, o dos *espelhos*. Ainda que Dhuoda tenha conseguido elaborar um índice de 73 capítulos, é possível reagrupar o livro em dez elementos. Primeiramente a autora fala a respeito de Deus, em seguida mostra o mistério da Trindade e disponibiliza conselhos práticos para orar. Apresenta também uma análise de moral social. Os próximos três capítulos são dedicados ao que a autora chama de deveres: fidelidade, ao rei Carlos, seu senhor, vinculações com os grandes, bispos e os padres. A quarta parte é sobre vícios e virtudes. Depois são lembradas as adversidades que amedrontam o homem, e Dhuoda expõe como os sete dons do Espírito Santo e as oito beatitudes permitem organizar os quinze degraus que conduzem à perfeição. A autora se questiona logo após a respeito dos dois nascimentos, carnal e espiritual, e sobre a dupla morte, temporal e eterna. Guilherme, assim como um monge, precisa pontuar todo o momento do dia com a prece dos Salmos, os quais ela designa algumas partes. Indica diferentes passagens bíblicas que conhece de cor - menciona-se mais de 650. Faz uma apresentação a respeito da aritmologia sagrada, analisando o conceito simbólico das quatro letras do nome de Adão e as quinze graças. Por fim, conclui sua obra com uma memória importante da vida de Guilherme, escrita em versos, uma relação com os nomes dos mortos da família e seu próprio epitáfio, que precisa ser gravado em sua tumba. Terminando assim o *Manual*, trata-se de uma obra singular, o único livro de educação escrito por uma mãe para seu filho na Alta Idade Média. Dhuoda foi digna à honra de dar seu nome para duas ruas, em Nîmes e em Uzès.

4.3.1.2 Hildegarda de Bingen (cerca de 1098-1179)

A abadessa Hildegarda, ilustrada na figura 10, pela riqueza e variedade de suas obras escritas, ocupa um lugar singular na cultura latina medieval, em sua maioria dominada pelos homens da Igreja. Nasceu em uma família de cavaleiros que serviam ao bispo de Spira. De acordo com Le Goff (2013), antes de ingressar como oblata no monastério beneditino, administrado pela abadessa Jutta, Hildegarda teve visões desde os cinco anos de idade. Criou seu próprio convento em 1150, em Rupertsberg. Segundo o autor, Deus determina que Hildegarda publique suas visões. Ela recebe permissão, do papa Eugênio III e do abade cisterciense Bernardo de Claraval, para fazê-lo em 1147-1148. No entanto, o relato e imagens de suas visões possuem uma maior parte de sua obra, porém não exclusivo: por volta de 1150, Hildegarda conclui o *Liber Scivias* (*Saiba as vias*), no qual relata grandes visões cosmológicas, inspiradas no Apocalipse de João, seguidas por uma interpretação teológica que lhe teria sido narrada pelo próprio Deus, e ilustradas desde o manuscrito original. Em seguida, aproximadamente em 1163, o *Liber Vitae meritorum* (*Livro da vida meritória*), e por volta de 1170 o *Liber divinorum operum* (*Livro das obras divinas*), sobre o qual o manuscrito de Lucca (século XIII) expõe significativas miniaturas.

Figura 10 - Hildegarda de Bingen.



Fonte: Homens e mulheres da Idade Média, 2013.

O conhecimento enciclopédico e médico da abadessa a faz escrever um amplo *Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum* (*Livro das sutilezas das criaturas divinas*), contando às gerações futuras através de suas obras: a *Physica* e o *Cause et cura* (*As causas e os remédios*). É de sua autoria também um diferente glossário de setecentas palavras desconhecidas com o título de *Lingua ignota*, algumas Vidas de santos instituidores de seus mosteiros, Disibod e Rupert, uma vasta correspondência (próximo de 300 cartas) trocada, dentre outros, com Bernardo de Claraval, Sigebert de Gembloux (que no futuro escrevera a *Vida de Hidelgarda*) e com o imperador Frederico Barba Ruiva. Além disso, zelosa com sua vida litúrgica da população, Hidelgarda compôs a *Symphonia celestium revelationum* (*Sinfonia das revelações celestes*), que é reconhecida como uma das obras-primas do canto gregoriano.

Através dessa grandiosa obra, que discorre, simultaneamente, a respeito da teologia visionária e da ciência médica e natural, Hidelgarda é inserida num longo costume de inspiração escatológica, entretanto difere-se tanto das personalidades extáticas, quanto das místicas. Sua declaração profética recebe o nome de "Sibila do Reno". Em 1233, e mais uma vez em 1243, o pontificado orienta dois processos de canonização que acabam fracassando. Contudo, em 1324, a adoração a Hidelgarda é permitida naquela localidade, e no fim do século XV as autoridades eclesiásticas permitem a reverência a suas relíquias em Rupertsberg. Sua fama contemporânea, sobretudo em meio aos seguidores da espiritualidade e de medicinas alternativas, contrapõe as omissões passadas da Igreja em identificar e reconhecer uma santa nessa sábia mulher.

4.4 A TRAJETÓRIA DE CHRISTINE DE PIZAN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O LIVRO NO FINAL DA IDADE MÉDIA

Certas observações atuais a respeito da ampla e proveitosa obra produzida por Christine de Pizan (1364 - c. 1430d.C.), ilustrada na figura 11, segundo Siciliano, Valle e Salomão (2021), a primeira escritora profissional do Ocidente eurocêntrico, principalmente *A cidade das damas*, redigida em 1405, lhe concedem o título de pioneira do movimento feminista. Seus registros, mais do que retratar assuntos como acesso à educação, desigualdade de gênero e violência sexual, a escritora inseriu um tema que seria discutido por volta de 500 anos após sua morte, por Virginia Woolf (1882 - 1941 d.C.), no ensaio *Um teto todo seu* (*A room of one's own*, publicado em 1929): a considerável relevância de um ambiente específico para o processo de escrita. (CARAFFI, 2003 apud SICILIANO; VALLE; SALOMÃO, 2021). De outro modo, havia a necessidade de a mulher dispor de condições especiais para a sua evolução intelectual, tais condições iam além das esferas monetárias e domésticas; a mulher, usualmente dependente do homem de forma financeira e encarregada das tarefas relacionadas à reprodução e cuidado, precisaria não somente de tempo, mas também de um ambiente em que conseguisse se afastar dos cuidados com a casa para se dedicar ao desenvolvimento da escrita. (BROWN-GRANT, 1999)

Geralmente, a competência intelectual das mulheres é subestimada, sendo o gênero feminino encoberto na história, logo, nos deparamos com informações divergentes e confusas a respeito de Christine, autora de desmedida relevância da era medieval. Ademais, definições da teoria do conhecimento deram-se a partir de estereótipos masculinos, como a conceituação de razão e de objetividade. (LLOYD, G., 1984; LLOYD, E. 1995; ROONEY, 1991), o que as apagou da produção do conhecimento científico e filosófico.

Essas definições apresentam duas finalidades: epistemológica e política (LONGINO, 2012, p. 511), uma vez que atuam precisamente em todo o ideal de cientificidade, que é elencado sobre um e outro. Concepções fundamentais que foram postas em pauta nos debates a respeito do conhecimento e da ciência foram elaboradas a partir de estereótipos de gênero. Apesar das tentativas de apagamento, ainda assim, Christine de Pizan e seu trabalho perduraram até o séc. XXI.

Pizan alcançou relevância pelo seu lugar de fala, envolvimento e posicionamento crítico no que diz respeito ao ponto de vista feminino, suas responsabilidades e, sobretudo, ao manifestar-se quanto ao poder que a educação dispunha na classe social das mulheres. De acordo com Siciliano, Valle e Salomão (2021), na direção da desigualdade de representação de gênero na cultura ocidental retratada na produção e registro de conhecimento, nasceu Christine de Pizan, no século XIV, em Veneza. Ainda segundo as autoras, Thomas de Pizan, seu pai, foi nomeado astrólogo e médico na corte do rei Charles V. Em um ambiente nobre, a autora viveu uma infância agradável, com livre acesso, ao que para a maioria das mulheres de sua classe social, era restrita ou inexistente: as práticas de escrita e leitura, as duas encorajadas por seu pai, embora a mãe fosse contrária e que acreditava que Christine deveria usar seu tempo para a realização de atividades idealizadas como elementos do universo feminino (MERCADO, 2005).

Figura 11 - Christine de Pizan.

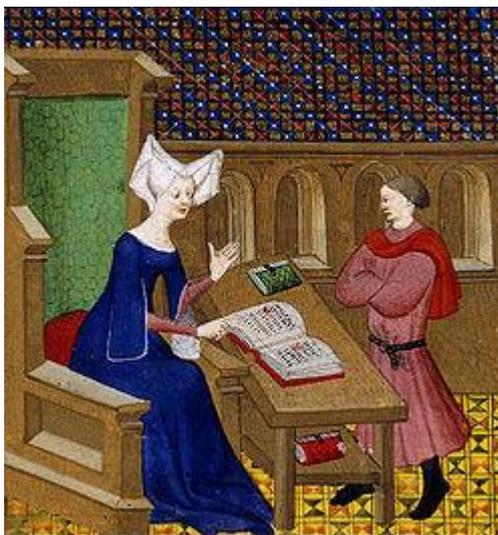


Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

Brown-Grant (1999) e Mercado (2005) observam que, um dos grandes acontecimentos da trajetória de Pizan, a erguendo ao reconhecimento de uma personalidade conhecida até os tempos atuais, está o fato de ter sido uma das primeiras mulheres no cenário ocidental a conquistar seu sustento unicamente por meio da escrita. O falecimento do rei Charles V (1388 - 1380 d.C.), em seguida, a morte de seu pai e de seu marido, tornaram-se acontecimentos

fundamentais para que a autora transformasse o seu talento para a escrita em renda financeira. Para sustentar a si, seus três filhos (Christine e um deles ilustrados na figura 12), sua mãe e uma sobrinha, Christine deu início ao ofício de copista (CARAFFI, 2004 – MERCADO, 2005).

Figura 12 -Christine de Pizan e seu filho.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

Em 1399 iniciam-se os primeiros trabalhos autorais, voltados para um público aristocrático, conforme ilustrado na figura 13, passando por diferentes gêneros, como a poesia lírica, textos políticos e morais, biografias de reis e integrantes da corte, livros de devoção e debates literários (BROWN-GRANT, 1999). É importante salientar que em um período pré-tipográfico Christine estava diretamente envolvida com a produção de seus livros artesanais, desempenhando não somente o papel de copista, mas também como supervisora de outros trabalhos (CARAFFI, 2004; SCHIMITD, 2020). Ao passar do tempo, torna-se uma autora conhecida entre a alta sociedade da Europa, recebendo auxílio de nobres como Gian Galeazzo Visconti, duque de Milão, (1351-1402 d.C), Rei Henry IV da Inglaterra (1367-1413 d.C.) e Rainha Isabelle da Bavieira (1370-1430 d.C.) (RECHTSCHAFFEN, 2010 apud SICILIANO; VALLE; SALOMÃO, 2021).

Figura 13 - Christine de Pizan presenteia Margaret de Burgundy com seu livro.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

Embora tenha desfrutado de reconhecimento em vida, nos séculos seguintes, a popularidade de suas obras decaiu, voltando à discussão acadêmica no século XIX. Os estudos aumentam no século XX, sobretudo nos chamados *women's studies*, que analisam sua bibliografia em um ponto de vista feminista (RECHTSCHAFFEN, 2010 apud SICILIANO; VALLE; SALOMÃO, 2021), acompanhado da perspectiva filosófica, ou seja, as observações mais atuais acrescentam a ideia de Christine de Pizan ao escopo da Filosofia e não somente ao da Literatura. Acredita-se que durante toda a sua vida, tenha produzido mais de 40 obras, ilustrado na figura 14 a primeira página da obra *Chemin de longue étude*, (SCHMIDT, 2020). *A Cidade das damas* publicado em 1405, afronta e discute um costume literário masculino embasado fundamentalmente na veiculação e disseminação de uma nova perspectiva negativa a respeito da mulher (SICILIANO; VALLE; SALOMÃO, 2021).

Figura 14 - Primeira página de *Chemin de longue étude*.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

As primeiras questões de Christine iniciam com a leitura de trabalhos de autores apontados como autoridade do medievo, provenientes de diferentes áreas do conhecimento, como Boccaccio, Ovídio, Aristóteles e outros das quais fontes lembram discursos que se ressaltam somente o modo de se portar das mulheres, visto como negativo, representando-as como essencialmente más e predispostas ao vício (BROWN-GRANT, 1999). Ainda segundo a autora, os analistas, poetas e hermeneutas usavam propositadamente fragmentos específicos com declarações misóginas propagando o conceito de que esse ou aquele autor compreendia plenamente o sexo feminino como princípio, intelecto e fisicamente inferior aos homens encobrando seus valores, qualidades, virtudes e ações que enalteceriam sua contribuição para a sociedade. Por outro lado, o que Pizan faz é utilizar, das mesmas referências, os fragmentos que aclamam as mulheres, isto é, ela contesta os escritores misóginos com as mesmas autoridades que eles mencionam, agrupando exemplos de estimadas mulheres que conseguisse contribuir para além da construção de uma autoridade ressignificada à volta das concepções no tocante ao sexo feminino, assim como e, principalmente, para influenciar e inspirar outras mulheres a procurar sempre pela virtude em seu dia a dia (SICILIANO; VALLE; SALOMÃO, 2021). Segundo Leite (2018), estavam em suas bibliografias mais utilizadas a Bíblia, *Manipulus florum*, de Thomas Hibernicus e *Speculum majus*, de Vincent de Beauvais.

Le Goff (2006) demonstra que São Tomás de Aquino se distanciava dos argumentos agostinianos sobre a conceituação da mulher. Embora não inclua o ser feminino em um cenário completamente livre como o masculino, Tomás de Aquino, posteriormente se torna contrário ao pensamento de inferioridade criacionista: “se Deus quisesse fazer da mulher um ser superior ao homem, ele teria a criado de sua cabeça e, se decidisse fazer dela um ser inferior, ele a teria criado de seus pés. Ora, ele a criou do meio de seu corpo para ressaltar sua igualdade” (AQUINO apud LE GOFF 2006, p. 53).

Christine torna mais forte a concepção de que as diferenças entre os gêneros não estavam apenas na biologia, mas em construções socioculturais, em que o registro continha valor essencial para a sustentação dos argumentos. Costa e Costa (2019) sublinham que em 1394 é publicada a obra *Livre des cent ballade*, encomendado por esposas de príncipes. Ali, Pizan retrata suas inquietudes de recém-viúva e as dificuldades decorrentes de sua nova realidade. A fama da autora é validada no momento em que se atreve a contestar a obra *Roman de rose*, de caráter machista, que caracteriza a mulher como um ser sedutor. Ao iniciar o debate no poema *Épitre ai Dieu d'amour* (1399), Christine redige o autobiográfico *Le livre de Mutacion* de Fortune (1403). Com relação a ele, Schmidt (2020) considera que a autora

[...] descreve uma alegoria intrigante: após a morte de seu marido, uma transformação dramática faz-se necessária - Pizan é transformada pela Fortuna em um homem, que agora possui força suficiente para conduzir a embarcação que representa sua existência. Mais que uma mera construção literária, tal metamorfose reflete uma realidade social, na medida em que escrever e viver de sua escrita, especialmente sobre assuntos de natureza teórica e política são atividades percebidas como masculinas. Tal relato se vale de um topos literário (virago) para reclamar a mesma autoridade de um homem (SCHMIDT, 2020, p. 2-3).

Schmidt (2020) ressalta, Pizan produz suas principais obras em 1405: *A Cidade das damas* e o *Le Livre Trois Vertus* (ilustrado na figura 15), segundo Leite (2018), essas foram suas primeiras obras, no que diz respeito a tomada de consciência do feminino em oposição a habitual imagem das mulheres como seres inferiores e isentos de qualquer inteligência. Ainda em 1405, a autora escreve *Le Livre de l'adivision Cristine*, outra narrativa autobiográfica, na qual identifica a originalidade não apenas de seu lugar como escritora, mas também do reconhecimento e popularidade decorrentes da atividade.

Figura 15 - *Le Livre Trois Vertus*.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

A Cidade das damas, ilustrada na figura 16, surge a partir de uma observação a respeito do livro *Lamentations*, escrito por Matheulos (1260-1320 d.C.). Uma narrativa em primeira pessoa, Christine relata suas angústias em forma de diário.

As autoras sublinham que, através da narrativa literária alegórica, no entanto com fundamento demasiado filosófico, a escritora manifesta sua desaprovação e desacordo com as informações disseminadas, metódica, interpretativa e retórica a partir do mesmo trajeto e propósito empregue pelos homens, contemplados como autoridades da época para erguer fundamentos negativos a respeito da mulher, entretanto com um objetivo que questiona e refuta esses argumentos: a escrita. Sua indagação guia era: por que homens, de diferentes épocas reprovavam e maldiziam tanto as mulheres? “Teriam os filósofos, poetas, clérigos e tantos outros homens de autoridade reconhecida se enganado?” (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021). Em suas próprias palavras “Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade.” (PIZAN, 2012, p. 59) . Posto isso, para contestar as veneradas referências patriarcais, Christine elege 150 personalidades femininas, envolvendo mulheres de sua época, que se destacaram em inúmeros campos do conhecimento, tanto nas artes e ciências, quanto em governos e batalhas, para edificar de modo simbólico sua cidade-fortaleza, que argumenta de forma lógica e memorial à reconstrução da reputação das mulheres (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021).

Figura 16 - Miniatura de um manuscrito de *A Cidade das Damas*.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

As autoras observam que, a inquietude de Christine a conduz à uma nova indagação mais à frente da discussão acerca de gênero, contudo onde seguramente está presente: os registros escritos. Se na Idade Média, Pizan indicava a evidente ausência de bibliografia produzida por mulheres como um dos recursos fundamentais na composição moral no que diz respeito ao sexo feminino, o cenário aparentemente persiste (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021).

Calado (2006) sublinha que antes de 2001, no Brasil, existia apenas uma referência à Christine de Pizan na relação sobre pesquisas medievais, referente a uma dissertação de mestrado. A questão idiomática é suscetível a análise: a autora também observa que, no século XIV, Pizan já era conhecida em Portugal, a partir da obra *Le Livre des Trois Vertus* traduzida para o português por pedido direto da Rainha Isabel esposa de Afonso V (CALADO, 2006 p. 107). No que diz respeito ao Brasil, antes de ser proclamada a república, no século XIX, recebeu a corte portuguesa e a família real. Portanto, provoca o questionamento quanto às prováveis razões de Pizan ter permanecido desconhecida em língua portuguesa até os anos 2000 no Brasil.

Se ao longo do tempo foi comumente aceito que as mulheres ficaram à sombra de um mundo dominado pelo masculino, a tendência atual é a de revisão desse paradigma. A história das mulheres, geralmente escrita por homens e com base em fontes elaboradas por autores masculinos e escolásticos, está sendo substituída por abordagens que privilegiam registros deixados pelas próprias mulheres (SIMONI 2010, p. 1).

Costa e Costa (2019) confirmam a invisibilidade de mulheres escritoras e dissertam a respeito de ser habitual a afirmação da não existência de intelectuais femininas no período em que compreende a Idade Média. É notório que a história das mulheres é repleta de repressões, proibições, subordinações e condicionamentos: analfabetismo, carência de educação formal, escassez ou acesso restrito a bibliotecas e livros, direcionamento à família e as inúmeras gestações; contudo a evidente ausência de mulheres no âmbito de produção de escrita erudita, nas artes, música, filosofia e na ciência é devido, também, ao controle bibliográfico (SICILIANO; VALE; SALOMÃO, 2021).

As autoras ressaltam que em diversas obras, Aristóteles se refere às mulheres como inferiores aos homens, desprovidas de autoridade intelectual (*auctoritas*), caracterizando-as com adjetivos como beleza e moderação, no tempo em que ao homem, sabedoria, justiça e honra. Por conseguinte, é idealizada toda a base moral, filosófica e política de subordinação feminina. A sapiência é relacionada ao homem, o corpo à mulher. A análise teológica medieval a respeito de Aristóteles descreve a mulher como “um macho defeituoso” (LE GOFF, 2006, p. 54), precisando do homem para nortear seus caminhos. No entanto, de acordo com Le Goff (2006) uma vez que o corpo é visto como instrumento de pecado, a mulher simboliza esse pecado. Le Goff (2006, p. 54) discorre “as mulheres que não possuíam voz na história, vão oscilar entre Eva e Maria, pecadora e redentora, megera conjugal e dama cortês”.

O conhecimento e a informação tiveram maior disseminação no período em que Christine viveu, conferindo às mulheres maior espaço e poder. Oposto ao que muito se imagina, ao longo dos primeiros séculos da Idade Média, as mulheres possuíam determinados direitos

assegurados por lei e pelos costumes. Havia permissão para exercer, quase todas as profissões, direito à propriedade e de sucessão. Existiam mulheres que atuavam politicamente, com direito a votos em assembleias. (ALVES; PITANGUY, 2017).

Devido a guerras contínuas, viagens extensas e refúgio em mosteiros por parte dos homens, a população adulta se tornou, em sua maioria, feminina, tomando frente dos negócios da família. À vista disso, tornava-se essencial que compreendessem tanto de contabilidade, quanto de legislação, para que fosse possível efetuar transações em seus comércios e defenderem-se em juízo. Uma análise histórica nos permite a comprovação de que a presença das mulheres em âmbito público esteve, constantemente, associada ao distanciamento do homem por conta de guerras (ALVES; PITANGUY, 2017).

No início da Idade Média há apontamentos de mulheres exercendo trabalhos ditos masculinos, como carpintaria e serralheria, mesmo que convergissem em "profissões femininas" como tecelagem, costura e bordados. Atuavam no comércio em conjunto com seus maridos e, após seu falecimento assumiam os negócios. No entanto, o empreendimento doméstico, ligado às mulheres, seguia sendo a principal fonte de renda familiar. Tendo a possibilidade de exercer o direito de sucessão, era comum uma herdeira administrar sua própria renda, mesmo estando casada (ALVES; PITANGUY, 2017).

Apesar dessa circunstância, aparentemente favorável, o avanço do trabalho feminino afirmou a objeção dos trabalhadores homens, uma vez que a alta competitividade rebaixou o nível salarial geral. Por consequência, surgiram limitações à atuação das mulheres no mercado de trabalho, bem como em Londres, no ano de 1344, ocasião em que a organização de alfaiates proíbe seus membros de admitirem funcionárias mulheres, que não fossem suas esposas ou filhas (ALVES; PITANGUY, 2017).

Apesar da presença das mulheres no meio social e econômico da Idade Média, o pensamento que fora propalado era o de uma mulher fraca e indolente, ocupada com seus bordados, à espera de um cavalheiro. Alves e Pitanguy (2017) sublinham que esse aspecto afasta a maioria da população feminina da representação emblemática, ademais reflete uma perspectiva deturpada do que seria seu cotidiano nessa época. Refere-se a uma diferença entre o posicionamento real das mulheres em sua vida cotidiana e a representação simbólica que havia delas.

É nessa circunstância que Christine de Pizan, logo depois de perder o pai e o marido, resolve tornar-se escritora. No início, Christine escrevia poesias participando de concursos. O acolhimento a seu trabalho, a boa recepção apontara a estrada para seguir na profissão. De acordo com Leite (2018), boa parte de seus leitores, formada por nobres (deve-se sublinhar que

na realidade apenas a nobreza consumia livros - item raro e caro) interessava-se em compreender o assunto apresentado por uma mulher, enquanto a outra parte, contrariamente aos curiosos, lia por apreço e admiração à autora e seu conteúdo. Leite (2008) discorre que, em meio a esse público, Christine encontra seu “leitor”. A sociedade no fim do medievo iniciava uma abertura econômica. Tal sociedade abrigava as mulheres, para além do tecer e da reprodução. Pizan teve a sabedoria de entender sua missão: instaurar a moral feminina, sobretudo fez-se ouvir pelos nobres e poderosos da época. A autora seguramente presumia que, caso esses homens apoiassem sua causa em favor das mulheres, serviriam como modelo para os outros, e mesmo os mais simples se espelhariam neles.

Karawejczyk (2017, p. 197) descreve, Pizan modernizou ao centralizar sua atenção em mulheres de diferentes níveis sociais “mulheres que viviam ao lado de reis, de nobres, de mercadores, artesãos e trabalhadores, que trabalhavam dentro e fora das paredes domésticas, podendo ser cultas ou iletradas, humildes ou poderosas, ricas ou pobres”. Em meio a tantos temas: mitologia, tratados de moral, educação, política e ética, um que se sobressai até os dias de hoje por sua singularidade: a argumentação a respeito do feminino (LEITE, 2018). Christine concordava que a diferença entre homens e mulheres é decorrente do sistema de socialização, defendendo a discussão que caso as mulheres recebessem acesso à educação, teriam papéis tão significativos e fundamentais para a sociedade quanto os homens (LEITE, 2018).

Leite (2018, p. 115) destaca, note aqui sua grande herança para as futuras gerações, da mesma maneira que seu tratado de educação para as mulheres. Ao exigir mudanças a respeito do olhar sobre as mulheres para mais que a colocação como sedutora, Christine inicia a Primeira Querrela Feminista.

-Figura 17 - Christine de Pizan oferecendo a Rainha da França (Isabeau de Bavária) episódios do debate a respeito do Roman de la Rose.



Fonte: A enciclopédia livre, 2022.

Destemidamente ela reivindicou um espaço com mais dignidade, mais condizente às mulheres que contribuíram, e permanecem contribuindo, com tantos benefícios para a população e, comumente, são menosprezados. A partir da sua fama e reputação, determinadas obras da autora foram traduzidas para o inglês no início do século XV. No ápice da produção literária, em 1399-1407, Pizan produz cerca de quinze grandes obras. Em 1422, resguarda-se no convento de Poissy, onde vive os momentos finais de sua vida, falece aos 66 anos, em 1430 (CARDOSO, 2017).

É essencial salientar o contexto histórico-social em que a autora viveu, tendo em vista determinados elementos que influenciaram sua vida e escrita. Christine de Pizan vivenciou a Guerra dos Cem anos (1337-1453) entre França e Inglaterra, logo depois a Peste Negra (1348). Naturalmente essa época de incertezas criou essa mulher literata. Ademais, alguns fatores significativos que ocorreram foram:

- A criação das catedrais góticas (séculos XII-XIV), enquanto símbolo da verticalização e ampliação da arte e do pensar através das redes de ofício.
- A instabilidade religiosa gerada primeiro pelo surgimento das duas ordens mendicantes (Franciscanos e Dominicanos, século XII) e depois, entre o final do século XIV e início do XV, com a transferência do papado de Roma para Avignon e de Avignon para Roma; gerando uma disputa entre dois papas.
- O desenvolvimento social e urbano provocado pela criação das universidades medievais e das Cruzadas, desde os séculos XI e XII.
- Os Renascimentos, primeiro do século XII, com a tradução de vários pensadores gregos, árabes e judeus e depois o princípio do humanismo italiano, no século XIV (LEITE, 2008, p. 116).

As mulheres que viveram no fim da Idade Média frequentavam livremente o espaço público. Algumas estudavam em universidades, administravam conventos e eram responsáveis por suas famílias. Foram estas que fascinaram Christine. Pizan enxergou essas mulheres dinâmicas e notou quão equivocadamente os autores as condenavam como pecadoras. A partir dessa inquietação, a autora dá início ao primeiro debate da literatura, defendendo a igualdade entre os sexos. Tendo como seus aliados a rainha da França, conforme ilustrado na figura 17, e o prevôt de Paris e entre seus opositores estavam clérigos, escritores renomados como Jean de Meun que escreveu a segunda parte de o *Romance da Rosa*, Christine o repreende por seu tom misógino que incitava o aumento da discriminação em relação às mulheres, e universitários de Paris. Tal ocorrência é crucial para enxergarmos quanta relevância Christine e suas obras obtiveram, bem como sua grandeza (LEITE, 2008).

Nessa perspectiva, Pizan expõe ideias discordantes a opiniões e condutas habituais na época e faz da educação sua coautora. Christine se torna a primeira mulher a ser indicada à poeta oficial da corte. É considerada por muitos uma das primeiras feministas, tendo em vista seu discurso deliberadamente estruturado em prol da defesa dos direitos das mulheres.

Pizan reitera a urgência em oferecer uma educação igualitária entre meninos e meninas, alegando que se existisse o costume de enviá-las para a escola e as ensinar ciências, elas compreenderiam do mesmo modo que os meninos e aprenderiam a sofisticação das artes e ciências (ALVES; PITANGUY, 2017).

4.4.1 Principais obras de Christine de Pizan.

De acordo com o site *L'encyclopédie libre* (acesso em 2022), as principais obras de Christine de Pizan foram:

- Poesias diversas : *Cent ballades, Virelays, Balades d'estrage façon, Ballades de divers propos, Les complaintes amoureuses, Lays, Rondeaux, Jeux à vendre*, compostas entre 1399 e 1402;
- *Epistre au Dieu d'amours*, 1399;
- *Le Débat de deux amans*, c. 1400;
- *Le Livre des trois jugemens*, c. 1400;
- *Le Livre du dit de Poissy*, 1400;
- *Epistre Othea*, 1401;
- *Epistres du Débat sur le Roman de la Rose*, 1401;
- *Le Dit de la rose*, 1402;
- *Oraison Notre Dame*, 1402-1403;
- *Oraison de Notre Seigneur*, 1402-1403;
- *Cent Ballades d'amant et de dame*, 1402-1410;
- *Les Complaintes amoureuses*, 1402-1410;
- *Le Chemin de longue estude*, 1403;
- *Le Dit de la pastoure*, 1403;
- *Le Livre de la Mutation de fortune*, 1403;
- *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*, 1404;
- *Epistre à Eustache Morel*, 1404;
- *Le Livre du Duc des vrais amants*, 1404-1405;
- *La Cité des dames*, 1404-1405;
- *Le Livre des trois vertus à l'enseignement des dames*, 1405;
- *Epistre à Isabelle de Bavière*, 1405;
- *L'Advisio Christine*, 1404;

- *Le Livre de la Prod'homie de l'homme* ou *Le Livre de Prudence*, 1405-1406;
- *Le Livre du Corps de Policie*, 1406-1407;
- *Les Sept Psaumes allégorisés*, 1409;
- *Les Lamentations sur les maux de la France*, 1410;
- *Le Livre des Faits d'armes et de chevalerie*, 1410;
- *Le Livre de la Paix*, 1412-1413;
- *Epistre de la Prison de Vie Humaine*, 1416-1418, dedicado Marie de Berry, Duquesa de Bourbon, após a Batalha de Azincourt;
- *Les Heures de la contemplation de la Passion*, 1420;
- *Le Ditié de Jehanne d'Arc*, 1429.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de incluir a trajetória de Christine de Pizan, suas contribuições para a História do Livro e inseri-la como temática no contexto da Ciência da Informação, foi apresentada brevemente a educação das mulheres do medievo. A partir dos estudos supracitados, infere-se a concepção construída à volta do ser feminino, sua conduta, seu corpo e reputação, e os resultados da imposição de limites e diferentes políticas em relação ao cotidiano das mulheres. Ciente dessa condição e de seus privilégios como escritora, entende-se que Pizan, por meio de suas obras, representou, fabulosamente, o gênero feminino.

Nota-se que Christine de fato marcou sua época estando à frente de seu tempo. De acordo com o que os intelectuais da literatura apresentaram, uma mulher como Christine jamais seria aceita como filósofa em seu tempo, por essa razão ocupou seu espaço através da escrita, a fim de registrar e defender seus pensamentos, dispondo da admiração de inúmeros membros da corte, mesmo que as concepções a respeito de Pizan não estivessem em comum acordo.

Christine de Pizan, em *A cidade das damas*, por meio de sua pena, cria a cidade-fortaleza das damas, com a intenção de resguardar, defender e fortalecer as mulheres de sua época, em luta com os ataques ininterruptos contra sua condição de mulher, sua intelectualidade, capacidade e bravura. Christine enxergava na escrita a possibilidade de defender a igualdade de gêneros, como também de alterar o lugar ocupado pela mulher de inferior, transformando-a em protagonista.

Atualmente observa-se que o combate estabelecido por Christine, apontada como a primeira feminista por reivindicar a igualdade de gêneros e contestar obras misóginas, persiste. Ainda no século XXI, estudiosas feministas debatem as condições sociais que incentivam o progresso dos homens, no tempo em que limita as mulheres.

Para estudos futuros, sugere-se, tendo em vista o entendimento da importância da igualdade de gêneros, pesquisas a respeito da importância das mulheres para a História do Livro e das Bibliotecas.

Quais são as contribuições dela para a história do livro? Fazer o rebatimento com os objetivos se eles foram alcançados ou não.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, Frédéric. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. 475 p.
- BATTLES, Matthew. **A Conturbada História das Bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. 239 p.
- BROWN-GRANT, Rosalind. **Christine de Pizan and the Moral Defence of Women: Reading Beyond Gender**. Cambridge University Press, 1999.
- CARDOSO, L. L. Entre mulheres e damas: resistência tardo-medieval em Christine de Pizan. *Revista Diálogos Acadêmicos*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 130-144, 2017.
- CRISTINA DE PISANO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cristina_de_Pisano&oldid=62921805>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- DARNTON, R. **What is the history of books?** *Daedalus* 111(3), 1982.
- DEL PRIORI, Mary. **Biografia**: quando o indivíduo encontra a história. *TOPOI*, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p. 7-16.
- ELEONORA DE FREITAS CALADO, Luciana. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- KARAWEJCZYK, M. Christine de Pisan, uma feminista no medievo?! *Historiæ*, Rio Grande, n. 8, p. 189-203, 2017.
- KETZER, Patrícia; SCHEFFER, Ana Paula. Socialização feminina, protagonismo humano e educação: uma análise a partir de Christine de Pizan. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 1, p. 258-275, 2021.
- LE GOFF, Jacques (Coord.). **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2013. 447 p. ISBN 9788574482231.
- LEITE, L. Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEITE, L. Christine de Pizan e o seu projeto utópico. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 13, p. 113-120, 2018. Disponível em: <http://revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/340/0>. Acesso em: 14 out. 2021.
- LLOYD, G. *The Man of Reason*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

LLOYD, E. Objectivity and Double Standart of Feminist Epistemologists. *Synthese*, n. 104, p. 351-381, set./1995.

LONGINO, H. Epistemologia feminista. In: GRECO, J.; SOSA, E. *Compêndio de Epistemologia*. Tradutores Alessandra Siedschlag, Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2012. p. 505-546.

MENDES, José Amado. **O contributo da biografia para o estudo das elites locais**: alguns exemplos. *Análise social*, v. XXVII (116-117), 1992.

MERCADO, Diana Arauz. Imagen y palabra a través de las mujeres medievales (siglos IX-XV): Primera parte: Mujeres medievales del Occidente europeo. **Escritura e Imagen**, v. 1, p. 199, 2005.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A Aventura do Livro Experimental**. São Paulo: Edusp, 2010. 140 p.

PEDRAZA GRACIA, Manuel José; REYES GÓMEZ, Fermín de los. **Atlas histórico del libro y las bibliotecas**. Madrid: Editorial Síntesis, 2016. 302 p. ISBN 9788490773567.

PIZAN, Christine de. **A cidade das damas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PIZAN, Christine. **The book of the city of ladies**. Penguin UK, 1999.

SCMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...** Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>. Acesso em: 02 Abr 2021.

SILVA, Daniel Eduardo da et al. **O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: a cidade das damas**. 2016.

SICILIANO, Mell; VALLE, Fernanda; SALOMÃO, Amanda. Uma mulher entre homens: o gesto bibliográfico de Christine de Pizan em A Cidade das damas. **Bibliothecae. it**, v. 10, n. 2, p. 164-195, 2021.

SIMONI, Karine. De dama da escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. **Anais do 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Santa Catarina**, p. 1-8, 2010.